

**Universidade de Brasília
Faculdade UnB Planaltina
Gestão Ambiental**

RAFAEL CARLOS DA SILVA MENEZES

Interações entre a criança (pré-escola e ensino fundamental) e o meio ambiente: o teatro de bonecos como metodologia de sensibilização sobre as questões ambientais contemporâneas: Estudo de caso sobre educação ambiental na Escola CAIC Júlia Kubitschek de Oliveira

**Brasília
2014**

RAFAEL CARLOS DA SILVA MENEZES

Interações entre a criança (pré-escola e ensino fundamental) e o meio ambiente: o teatro de bonecos como metodologia de sensibilização sobre as questões ambientais contemporâneas: Estudo de caso sobre educação ambiental na Escola CAIC Júlia Kubitschek de Oliveira

Trabalho apresentado a Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Graduação em Gestão Ambiental.

Orientador: Profa. Dra. Rosylane Doris de Vasconcelos.

**Brasília
2014**

RAFAEL CARLOS DA SILVA MENEZES

Interações entre a criança (pré-escola e ensino fundamental) e o meio ambiente: o teatro de bonecos como metodologia de sensibilização sobre as questões ambientais contemporâneas: Estudo de caso sobre educação ambiental na Escola CAIC Júlia Kubitschek de Oliveira

Trabalho apresentado a Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Graduação em Gestão Ambiental.

Orientadora: Profa. Dra. Rosylane Doris de Vasconcelos.

Brasília, ____ de _____ de 2014.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nome completo

Prof. Dr. Nome completo

Prof. Dr. Nome completo

Dedico este trabalho, um preâmbulo do meu primeiro livro, a minha filha Maria Clara e aos meus sobrinhos Gabriel, Daniella e Rafaella e Júlia. Dedico também ao Isac, sinônimo de um horizonte cheio de alegria. Dedico ainda a todas as crianças que merecem viver um meio ambiente vivo, em cores e ideias.

AGRADECIMENTO(S)

Agradeço a Deus por até aqui ter me ajudado.

Agradeço minha mãe, Maria das Graças, por uma vida inteira de trabalho e dedicação à minha caminhada como ser humano e cidadão.

Agradeço à minha orientadora Profa. Rosi Vasconcelos, pelo carinho, atenção e disposição em caminhar comigo nesta jornada.

Agradeço minha prima Cecília Menezes por ter sido a pessoa que mais me estimulou a fazer o curso de Gestão Ambiental.

Agradeço e já me emociono pelas amizades conquistadas, à *Tribo dos Samucas*: Bruno Gonçalves, Matheus Medeiros, Márcio Talmaty, Marcos Guedes e Caio Murilo. Amigos que me deram muita força para que hoje eu pudesse estar aqui.

Agradeço também, aos professores que compõem o quadro funcional do curso e a todos os demais servidores: meu muito obrigado!

Agradeço, ainda, a Profa. Tania Cruz pela enorme força e inspiração que deu a minha formação.

A maior recompensa pelo
nosso trabalho não é o que nos
pagam por ele, mas aquilo em
que ele nos transforma.
(John Ruskin)

RESUMO

O **objeto de estudo** desta monografia trata das interações entre a criança e o meio ambiente por intermédio do teatro de bonecos como metodologia de sensibilização sobre as questões ambientais contemporâneas. Foi feito um estudo dirigido sobre educação ambiental às crianças Escola CAIC Júlia Kubitschek de Oliveira (JKO), Sobradinho II/DF. O **objetivo geral** foi sensibilizar alunos e professores por meio do teatro de bonecos sobre a necessidade da preservação ambiental e alertar para a importância de se incorporar uma agenda ambiental na escola. Para alcançar o objetivo geral foram desenvolvidos os seguintes **objetivos específicos**: a) apontar a emergência da Questão Ambiental; b) apresentar o surgimento da educação ambiental e sua importância na Educação; c) identificar os principais pontos do PNE e sua interface com a educação ambiental; d) Identificar o perfil e o trabalho dos professores que atuam com questões ambientais na Escola CAIC JKO; e) Identificar o perfil dos estudantes da série inicial a ser mobilizada; f) desenvolver uma oficina de bonecos com temática ambiental e monitorar a reação das crianças ao processo de discussão sobre o meio ambiente. A **metodologia** de pesquisa aplicada neste estudo teve uma abordagem qualitativa (interação monitorada dos sujeitos envolvidos na proposta do estudo) e exploratória (estudo inicial e piloto de um processo de mobilização socioambiental com visitas programadas aos estudantes e professores da educação infantil) com os alunos da Educação Infantil da Escola CAIC JKO – Sobradinho II. Tratou-se também de uma abordagem revisional, uma vez que se fez também revisão bibliográfica e documental do tema proposto. A **questão principal** de pesquisa versou sobre “Quais as reações e motivações que as crianças apresentam após participarem de uma oficina de bonecos cujo tema sejam questões ambientais?” Esta pesquisa partiu do pressuposto de que o educador ambiental assume uma parcela do trabalho de tentar reintegrar o homem de volta a natureza e mostrar para todos e todas que os bens são finitos e que se trabalharmos em parceria com a natureza poderemos ir mais longe em produção e tempo de vida. Se quisermos melhorar o mundo, devemos ter em mente que de que somente reconstruindo o modo de pensar de cada ser humano e seu modo de lidar com meio ambiente poderemos alcançar o equilíbrio ambiental. Neste processo, a educação pela cidadania com a ética do cuidado, criatividade e ludicidade com crianças em séries iniciais faz-se fundamental mediante a possibilidade de modificar e sensibilizar todas e todos para uma participação na defesa da qualidade de vida e preservação da natureza. O papel de um educador ambiental entra em foco como uma ação transformadora na qual a co-responsabilização torna-se essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento socioambiental planetário.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Educação Infantil Integral, Meio ambiente, Ludicidade, Teatro de bonecos.

LISTA DE SIGLAS

CAIC JKO- Julia Kubitschek de Oliveira

CIACs - Centros Integrados de Atenção à Criança

CETESB- Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental

CMMAD – Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento

CNUMAD – Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento

CONAMA- conselho nacional de meio ambiente

EA-Educação Ambiental

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento e Educação.

FNMA- Fundo Nacional de Meio Ambiente.

IBAMA-instituto brasileiro do meio ambiente e dos recursos renováveis.

ONGs – Organizações Não-Governamentais.

PIED- Programa Internacional de Educação.

PNE- Plano Nacional de Educação

PNMA- Política Nacional de Meio Ambiente

ProNEA- Programa Nacional de Educação Ambiental

PNUMA- Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

UNESCO- Organizações das nações unidas para a Educação e a Cultura

SEB- Secretaria de Educação Básica

SECAD- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

SEMA- Secretaria do Meio Ambiente

SISNAMA- Sistema Nacional do Meio Ambiente

LISTA DE FOTOS

Foto 1- Fachada do CAIC JKO, sobradinho II/DF	38
Foto 2- Pátio aberto de recreação do CAIC JKO, Sobradinho II/DF	40
Foto 3- Boneco Sivuca e as crianças do CAIC JKO, sobradinho II/DF	40
Foto 4- A forma lúdica da apresentação prende toda a atenção das crianças	43
Foto 5- Boneco Sivuca interagindo com as crianças do JKO, sobradinho II DF “Você sabe o que é lixo?”	44

LISTA DE DESENHOS

Milena, 4 anos	50
Ana Clara, 4 anos	51
Leandro, 4 anos	52

Breno, 4 anos	53
Davi, 5 anos	54
Ana Luiza, 5 anos	55
Arthur, 5 anos	56
Luiz, 5 anos	57
Fabiane, 6 anos	58
Jhulia, 6 anos	59
Yasmin Kailane, 6 anos	60
Luiz Fernando, 6 anos	61
Maria Clara, 7 anos	62
Ruan Carlos, 7 anos	63
Marisa, 7 anos	64
Daniel, 7 anos	65
Kaillany, 8 anos	66
Maria Isabela, 8 anos	67
Manoela, 8 anos	68
Samuel, 8 anos	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
------------------	----

CAPÍTULO 1 - Questão Ambiental: gestão dos recursos, crise e movimento socioambiental _____ **15**

- 1.1. Relação Homem e natureza. _____ 15
- 1.2. Crise global na gestão dos recursos e a formulação da questão ambiental. _
17
- 1.3. Meio ambiente e desenvolvimento: teorias, tratados e convenções. ____
19

CAPÍTULO 2 - O surgimento da Educação Ambiental e sua importância na Educação Infantil _____ **23**

- 1.1. Breve histórico da Educação Ambiental

23
- 1.2. Interfaces da EA com o PNE _____ 26
- 1.3. Possíveis relações entre Educação e a Educação Infantil _____ 31

CAPÍTULO 3 – Cuidar do Planeta Terra brincando: bonecos, crianças e a preservação do meio ambiente _____ **34**

- 3.1. Educação Integral e os CAIs _____ 37
- 3.2. Sujeitos da pesquisa, sujeitos do mundo: quem são os próximos guardiões do futuro. Breve perfil das crianças da Escola CAIC JKO _____ 40
- 3.3. Metodologia _____ 41
- 3.3.1. Instrumentos _____ 42
- 3.3.2 Universo/Amostra _____ 42
- 3.3.3. Ações/Atividades de campo e estudo _____ 42
- 3.4. Técnica de análise de dados: psicopedagogia e interpretação de desenhos infantis

44
- 3.5. Roteiro de análise dos desenhos _____ 47
- 3.6. Resultados e discussão _____ 48

CONCLUSÃO _____ **69**

REFERÊNCIAS _____ **73**

APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevista à coordenação da Escola CAIC JKO ____

77

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje a educação ambiental está mais próxima das pessoas mas, ainda na maioria das vezes, como jargão ou costumes praticos, que funcionam mas não são o bastante para se estabelecer um equilíbrio com o meio ambiente (natural e social). Não se trata apenas de separar o lixo ou comemorar o dia da árvore. É preciso resgatar o respeito pelo meio ambiente e a importância de mantê-lo conservado. As degradações ambientais estão cada vez maiores por falta de uma consciência global ao aplicar os conhecimentos, pois não há como conservar o que não se conhece.

Sensibilizar alunos e professores sobre a necessidade da preservação ambiental e alertar para a importância de se incorporar uma agenda ambiental na escola foi a meta desse trabalho, pois sabe-se que é nessa fase em que as matérias essenciais para a vida da pessoa começam a ser integradas em sua rotina.

Neste trabalho desenvolveu-se uma dinâmica de educação ambiental com crianças da Escola CAIC Júlia Kubitschek de Oliveira (JKO) através do uso do teatro de bonecos, a fim de provocar nas crianças um pensamento de conservação socioambiental mais amplo. A ideia foi atrair a atenção das crianças para as questões ambientais mais atuais por intermédio de uma pedagogia criativa e lúdica. Assim o objetivo geral foi sensibilizar alunos e professores por meio do teatro de bonecos sobre a necessidade da preservação ambiental e alertar para a importância de se incorporar uma agenda ambiental na escola. Para alcançar o objetivo geral foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos: a) apontar a emergência da Questão Ambiental; b) apresentar o surgimento da educação ambiental e sua importância na Educação; c) identificar os principais pontos do PNE e sua interface com a educação ambiental; d) Identificar o perfil e o trabalho dos professores que atuam com questões ambientais na Escola CAIC JKO; e) Identificar o perfil dos estudantes da série inicial a ser mobilizada; f) desenvolver uma oficina de bonecos com temática ambiental e monitorar a reação das crianças ao processo de discussão sobre o meio ambiente.

A questão principal de pesquisa versou sobre “Quais as reações e motivações que as crianças apresentam após participarem de uma oficina de bonecos cujo tema sejam questões ambientais?” As questões de apoio foram:

“O que e como elas registram? Quais as dúvidas mais comuns? Quais os benefícios de se incorporar bonecos na aprendizagem sobre meio ambiente?”

Esta pesquisa partiu do pressuposto de que o educador ambiental assume uma parcela do trabalho de tentar reintegrar o homem de volta à natureza e mostrar para todos e todas que os bens são finitos e que se trabalharmos em parceria com a natureza poderemos ir mais longe em produção e tempo de vida. Se quisermos melhorar o mundo, devemos ter em mente que de que somente reconstruindo o modo de pensar de cada ser humano e seu modo de lidar com meio ambiente poderemos alcançar o equilíbrio ambiental. Neste processo, a educação pela cidadania com a ética do cuidado, criatividade e ludicidade com crianças em séries iniciais faz-se fundamental mediante a possibilidade de modificar e sensibilizar todas e todos para uma participação na defesa da qualidade de vida e preservação da natureza. O papel de um educador ambiental entra em foco como uma ação transformadora na qual a co-responsabilização torna-se essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento socioambiental planetário.

Como metodologia de pesquisa este estudo utilizou uma abordagem qualitativa (interação monitorada dos sujeitos envolvidos na proposta do estudo, com intervenção no ambiente escolar das crianças escolhidas) e exploratória (estudo inicial e piloto de um processo de mobilização socioambiental com visitas programadas aos estudantes e professores da educação infantil) com os alunos da Educação Infantil da Escola CAIC JKO – Sobradinho II/DF. Escolheu-se esta unidade de ensino pelo fato do pesquisador ter recebido convite da coordenação da escola para lá se apresentar durante a semana de inclusão social. Tratou-se também de uma abordagem revisional, uma vez que se fez também revisão bibliográfica e documental do tema proposto.

No CAIC JKO cerca de 1.200 crianças participaram do teatro de bonecos “*Sivuca e Marabá reciclando Ambientes*” durante um dia inteiro de apresentação. Deste universo, foram analisados quatro desenhos de cada faixa etária: dos 04 aos 08 anos de idade, totalizando 20 desenhos estudados. Após assistirem ao teatro as crianças foram conduzidas por suas professoras a registrar em cores o que haviam aprendido, visto ou sentido com a peça. Vale registrar que o trabalho de análise foi feito de modo exploratório e inicial.

Buscou-se apoio em manuais de psicopedagogia e psicanálise pois o responsável desta pesquisa é bacharelando em Gestão Ambiental e não possuía todas as ferramentas de psicologia infantil para analisar os desenhos apresentados pelas crianças do CAIC JKO. Todavia, com literatura e alguns manuais foi possível desenvolver uma leitura descritiva dos registros infantis.

O presente trabalho foi então estruturado em 3 capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se a questão ambiental: gestão dos recursos, crise e movimento socioambiental; a relação do Homem com a natureza. No segundo capítulo, discute-se o surgimento da Educação Ambiental e sua importância na Educação formal; as principais convenções sobre o assunto, o surgimento da agenda 21 e a importância dela para educação ambiental, as criações dos órgãos de competências ambientais do Estado, as ligações entre a educação ambiental e o plano nacional de educação, a importância do educador ambiental e da Educação ambiental para crianças. No terceiro capítulo, apresenta-se como estudo de caso uma intervenção na Escola CAIC JKO. Aqui relata-se a importância do lúdico na formação de uma criança. Tratou-se da relação entre o brincar e o aprender, no qual a ludicidade é uma forma de ensinar e de romper com uma forma robótica e pouco criativa de ensinar sobre o meio ambiente. Neste capítulo têm-se a noção de como o uso do teatro de bonecos pode influenciar no modo de aprendizagem das crianças.

CAPÍTULO 1 - Questão Ambiental: gestão dos recursos, crise e movimento socioambiental

1.1. Relação Homem¹ e natureza

A natureza é a fonte de energia, alimento e toda matéria prima usada para o sustento humano. Ao longo da história a relação entre o homem e o seu meio foi item de fundamental importância na chamada luta pela sobrevivência. Apesar da constante intervenção humana para transformar a natureza, o homem dependia do ciclo natural da terra para produzir seu próprio alimento e saciar suas vontades. A busca do homem era por abrigos e terras férteis e produtivas para que assim garantissem a sua fixação no local, porém migravam com as mudanças das estações do ano (MONTEIRO, 2001; MAZOYER; ROUDART, 2010).

Depois da última era glacial em torno de 10.000 anos a.C. as alterações do clima foram dando maior espaço para o desenvolvimento da técnica agrícola e tais alterações climáticas e ambientais estimularam a intensa migração de animais e seres humanos. O ser humano foi se desenvolvendo e se dispersando por toda a superfície da terra dominando e modificando o meio natural que ocupava.

Esse movimento migratório foi um marco de mudanças nas tecnologias humanas, como: a invenção do arco e flecha e das lanças e da especialização nos usos do fogo. Também teve início a domesticação de animais e o cultivo de plantas. Essa fase de profundas mudanças e progressos é chamada “revolução neolítica” ou agrícola. A garantia do alimento possibilitava uma margem maior de segurança e permitia que o homem se dedicasse a outras atividades que não fossem necessariamente ligadas à estrita sobrevivência, tais como a fabricação das tramas que levaram à criação dos tecidos; a fabricação dos objetos de cerâmica que possibilitavam guardar e conservar os alimentos, a produção de ferramentas mais aperfeiçoadas, construção de moradias que protegessem melhor do frio e dos outros perigos (MAZOYER; ROUDART, 2010).

¹ Aqui “Homem” é sinônimo de Humanidade.

Com o passar do tempo, esses avanços permitiram que casas e povoados tivessem cada vez mais destaque entre as comunidades humanas, e ao mesmo tempo, as trocas comerciais e a domesticação de animais passavam também a incorporar a construção desse novo cotidiano responsável pelo aparecimento das primeiras civilizações.

Com os avanços da organização social e com a cúmulo crescente de conhecimento o ser humano passou a produzir alimentos e não ter mais que procurá-los. O alimento consumido agora era fruto de seu trabalho dependendo agora não somente da natureza, mas também de si mesmo e como não mais precisava deslocar-se constantemente para garantir o sustento, acabou reformulando totalmente o seu modo de vida em grupo. Tornou-se sedentário, estabeleceu uma nova organização social, constituiu tribos unidas por laços familiares, aldeias e, mais tarde, cidades, situadas em áreas férteis, às margens de grandes rios (MONTEIRO, 2001).

Com esse processo de organização e estabelecimento da agricultura o homem passou contraditoriamente também a destruir e modificar o meio de tal forma que se tornou uma espécie dominante e paralela ao ciclo natural do meio ambiente. O nível de influência do homem na natureza é tão amplo que se torna quase impossível encontrar natureza ou ecossistemas legítimos.

Há cicatrizes da ação humana por toda parte, muitas vezes criando belas paisagens que parecem naturais e também locais feios, desarmônicos, como as imensas monoculturas. Podemos, contudo, observar mudanças significativas no “padrão” de comportamento do ser humano em diversas épocas da história. (MAZOYER; ROUDART, 2010: 12)

O homem acabou se afastando da natureza quando se julgou superior a ela e esqueceu que ele vive em um meio, onde também se encontra a natureza, constituída de flora e fauna. Nesse meio ainda encontram elementos bióticos e abióticos, onde um é tão importante quanto o outro para a manutenção da vida, o que mostra a relação de interdependência existente entre ambos, mas que passou a ser despercebida para o novo ser evoluído (MONTEIRO, 2001).

A Revolução Industrial teve grande relevância para a sociedade atual e principalmente para o surgimento da revolução tecnológica vivida até os dias

atuais. É certo que Revolução industrial marcou a História e seus reflexos são vividos até os dias atuais como a grande revolução tecnológica que está em processo constante. O mundo conheceu a industrialização a produção em massa, as pessoas tinham o conforto de usar produtos que anteriormente lhes eram restritos, entretanto, os seus reflexos negativos também são reconhecidos até hoje, além do capitalismo desenfreado, também doenças relacionadas ao cotidiano de stress e agitação, desemprego devido a substituição do homem pelas máquinas. Enfim é de suma importância conhecer a Revolução Industrial em todo seu desdobramento para entendermos o avanço tecnológico e todos os problemas de uma sociedade industrializada (HOBSBAWM, 2010).

1.2. Crise global na gestão dos recursos e a formulação da questão ambiental.

Depois das residências em locais fixos os humanos passaram a comercializar o que se produziam dando início ao consumismo e a produção de seus alimentos em larga escala (MAZOYER; ROUDART, 2010).

A partir da revolução industrial no século XVIII e XIX houve uma mudança no modo de trabalhar nas terras, onde antes eram realizados trabalhos braçais entraram as máquinas que poderiam fazer o trabalho de vários homens ao mesmo tempo e isso fez com que o crescimento de áreas desmatadas aumentasse também, pois o espaço-tempo agora era proporcional ao modo de trabalho empregado. Essa revolução industrial foi o ponto de partida para um novo modelo de mundo e a causa de várias ações antrópicas ao longo dos anos.

Juntamente com a evolução industrial, problemas ambientais foram aparecendo, a natureza estava sofrendo os abusos desenfreados e o crescimento contínuo das grandes metrópoles que não se atentavam a esses problemas, pois não havia uma ideia de tempo de reposição natural do meio ambiente e a ideia de que os recursos naturais eram finitos não era de conhecimento comum (SANTOS, 1996:s/p).

O consumo exagerado de água, o uso descontrolado de agrotóxicos e fertilizantes químicos e a produção exagerada de lixo, foi acarretando sérios problemas ambientais que passavam despercebidos ao meio urbano, e que até hoje estão impactando o planeta em seus ciclos naturais é um problema que já é conhecido e que ainda permanece sendo ignorado por uma grande parte dos seres humanos.

Por ter sido, a revolução industrial, um perigo iminente ao meio ambiente, algumas pessoas perceberam que o novo modelo adotado poderia por fim aos recursos naturais da terra e que gerações futuras poderiam não mais ter certos benefícios devido à ganância humana. Formaram-se então grupos sociais que debatiam as questões ambientais e sua degradação causada pelo poder das grandes indústrias e pelo descaso do poder público.

Um dos mais importantes movimentos sociais dos últimos anos foi a chamada “Revolução Ambiental” que promoveu significantes transformações no comportamento da sociedade como um todo e na organização política e econômica mundial. Começando a ser questionada e debatida no final do século XIX, a questão ambiental emergiu após a Segunda Guerra Mundial, promovendo importantes mudanças na visão de mundo no tocante aos usos dos recursos naturais. A humanidade, pela primeira vez, percebeu que os recursos naturais são finitos e que seu uso incorreto pode representar o fim de sua própria existência (SANTOS, 1996).

Alguns autores consideram a publicação, em 1962, do livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson, como o começo das discussões internacionais sobre o meio ambiente. Porém, pode-se afirmar que o conceito de desenvolvimento sustentável, teve seu início em 1968, ano em que constitui-se o Clube de Roma, composto por cientistas, industriais e políticos, que tinha como objetivo discutir e analisar os limites do crescimento econômico levando em conta o uso crescente de recursos naturais. Eles detectaram que os maiores problemas eram: industrialização acelerada, rápido crescimento demográfico, escassez de alimentos, esgotamento de recursos não renováveis, deterioração do meio ambiente. Tinham uma visão egocêntrica e definiam que o grande problema estava na pressão da população sobre o meio ambiente (GIDDENS, 1991).

O Clube de Roma propôs, na oportunidade, através de um documento chamado Relatório Meadow (conhecido como Relatório do Clube de Roma), crescimento econômico zero e influenciou, de maneira decisiva, o debate na conferência de Estocolmo, realizada em 1972, como a primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (GIDDENS, 1991).

Esse foi um dos primeiros passos ao pensamento moderador dessa evolução, esse relato levou as grandes potências do mundo a repensar uma nova maneira de se estabilizar com o planeta e tentar reverter o caos criado pelo consumismo. Surgindo então a ideia de um crescimento sustentável que significa obter crescimento econômico necessário, garantindo a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento social para o presente e gerações futuras.

As discussões sobre um novo modelo de tecnologia sustentável e suas aplicações precisam estar em cordialidade com um processo amplo de conscientização e de educação ambiental. Implantar alterações superficiais a tecnologias já existentes, transformando-as em ecologicamente correta, sem alterar os antigos modelos vigentes, não teria eficácia.

Um bom exemplo disso é o uso do papel reciclado. Pode-se perceber que corremos o risco de que se um dia a busca pelo papel reciclável for maior do que a procura pelo papel tradicional, as indústrias que reutilizam esse material passariam a comprar papel virgem para reciclar sem que ele tenha sido usado, mudando assim a tecnologia mas não a lógica do modelo. Precisa-se, então, criticar a lógica e os valores dessa sociedade moderna para que possa realmente se criar uma tecnologia limpa e um modelo não destrutivo ao meio ambiente.

1.3. Meio ambiente e desenvolvimento: teorias, tratados e convenções.

A natureza passa a ser concebida como algo externo ao homem, que é aquele capaz de dominá-la, demonstrando a separação entre sujeito e objeto. Ao longo dos séculos, a sociedade moderna vem privilegiando categorias, com a noção de progresso que condiciona a atribuição do sentido

de desenvolvimento. Este passou a ser visto como a redenção da humanidade, uma vez que a salvação não se encontrava mais em verdades divinas, ou em penitências e nem no subjugo dos sentimentos materiais, mas sim, na satisfação material, na aquisição de bens e no acúmulo de riquezas.

O progresso passou a implicar em crescimento acelerado e constante da economia e a fé cega no progresso permitiu por um lado, eliminar as dúvidas e, por outro, ocultar as barbáries cometidas em sua busca. Na Revolução Industrial, pela lógica capitalista, a natureza passou a ser percebida a partir da racionalidade econômica, ou seja, tornar recursos naturais ou matérias-primas em produtos a serem apropriados ao processo de transformação.

A preocupação da comunidade internacional com os limites do desenvolvimento do planeta data da década de 1960, quando começaram as discussões sobre os riscos da degradação do meio ambiente. Tais discussões ganharam tanta intensidade que levaram a ONU a promover uma Conferência sobre o Meio Ambiente em Estocolmo (1972). Das controvérsias deste documento e da realização da Conferência, aprofundaram-se os questionamentos sobre o processo de desenvolvimento e a necessidade de encontrar alternativas.

À convite do Brasil, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) foi realizada no período de 03 a 14 de junho de 1992 na cidade do Rio de Janeiro. Conhecida também como Rio-92, Eco-92, Cúpula da Terra ou Conferência do Rio, foi a primeira e maior reunião internacional dessa magnitude a se realizar após o fim da Guerra-Fria. O evento inovou ao agregar um grande número de Organizações Não-Governamentais (ONGs) de todo o mundo (não unicamente originárias de movimentos ambientalistas), além de contar com a participação de delegações nacionais de 179 países. Trata-se de um número muito significativo de participantes, levando em consideração que, em meados da década de 1990, a ONU contava com 185 Estados-Membros.

De forma geral, seu intuito era o de instrumentalizar globalmente o desenvolvimento sustentável mediante compromissos juridicamente vinculantes entre os governos, com identificação de prazos e recursos financeiros para implementar estratégias definidas. Também buscou estreitar

os laços de cooperação entre os mais diversos países para lidar com problemas ambientais de alcance global, tais como: a poluição, as mudanças climáticas, a destruição da camada de ozônio, o uso e a gestão dos recursos marinhos e de águas doces, o desmatamento, a desertificação, a degradação do solo, o tratamento de resíduos perigosos e a perda da diversidade biológica.

Com a publicação no Brasil em 1987 de “O Nosso Futuro Comum” (ou Relatório Brundtland) da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD). Desenvolvimento Sustentável passa a ser conceituado como: “(...) Desenvolvimento Sustentável precisa atender às necessidades de todos e dar a todos a oportunidade de realizar suas aspirações de uma vida melhor (...) sem comprometer as possibilidades das gerações futuras atenderem às suas próprias”.

Sachs (1994 *apud* ARAUJO, 2001), com base neste contexto, apresenta cinco dimensões da sustentabilidade necessárias para planejar o desenvolvimento, ou melhor, o ecodesenvolvimento: a) viabilidade social, baseada na consolidação de outro tipo de desenvolvimento e orientado por uma outra visão do que é a boa sociedade. Objetiva-se construir uma civilização do ser, em que exista maior equidade na distribuição do ter; b) viabilidade econômica, possibilitada por uma gestão mais eficiente dos recursos e por um fluxo regular do investimento público e privado. A eficiência econômica deve ser avaliada por critérios macrosociais e não apenas em termos da lucratividade micro-empresarial; c) viabilidade ecológica, que pode ser incrementada pelo uso de algumas alavancas como: intensificação do uso dos recursos potenciais com um mínimo de dano aos sistemas de sustentação da vida; limitação do consumo de combustíveis fósseis e de outros produtos facilmente esgotáveis ou ambientalmente prejudiciais; redução da carga de poluição; autolimitação do consumo material pelos países ricos; intensificação da pesquisa de tecnologias limpas; definição de regras para uma adequada proteção ambiental; d) viabilidade espacial, voltada para um equilíbrio urbano-rural, com melhor distribuição territorial de assentamentos humanos e atividades econômicas e f) viabilidade cultural traduz-se na busca do ecodesenvolvimento em uma pluralidade de soluções particulares que respeitem as especificidades de cada ecossistema, de cada cultura e de cada local.

O desenvolvimento sustentável possui muitas definições que esclarecem a amplitude do conceito e suas discussões, no entanto tudo se restringe a uma única ideia: que o desenvolvimento presente ocorra gerando sustentabilidade futura. Resumidamente, o desenvolvimento sustentável visa promover o atendimento das necessidades presentes, garantindo a continuidade dos recursos para as gerações futuras. Entende-se por necessidades tudo aquilo que o ser humano precisa para sobreviver e ter uma adequada qualidade de vida.

No ambiente atual percebe-se a urgência da aplicação dos conceitos básicos do desenvolvimento sustentável, que para serem expostos depende de um novo modelo de vida, onde o homem há de reconhecer os valores que a natureza tem, terá de elaborar uma reforma nos seus hábitos de agir e pensar. A Educação Ambiental tem esse papel de reintegrar o homem a seu meio, respeitando o meio ambiente e reconhecendo que precisa dele muito mais do que pensa, e respeitá-lo talvez seja o início de uma grande mudança.

CAPÍTULO 2 - O surgimento da Educação Ambiental e sua importância na Educação

2.1. Breve histórico da Educação Ambiental

No século VI a.C surgiu na filosofia grega de Anaximandro de Mileto a ideia de lei aplicada à natureza para explicar o nascimento e o desaparecimento das coisas. Este filósofo trouxe para a realidade o respeito ao meio ambiente e, para ele, os elementos da natureza pagam pelas injustiças que são cometidas no mundo (ACSELRAD, 2007).

A necessidade de uma educação ambiental teve início na década de 1960, concretizando assim as ideias de Anaximandro² ao relatar a necessidade dos homens da terra de cuidarem do seu meio, uma vez que o tipo de ordem estabelecido na sociedade poderia gerar desordem na natureza e a desorganização das leis do meio natural poderiam refletir injustiças na ordem social, à medida que o acesso aos recursos não se daria de forma equilibrada entre as sociedades.

Em 1962 Rachel Carson, no livro *Primavera Silenciosa*, conforme já citado no capítulo anterior, alertava sobre os efeitos danosos de inúmeras ações humanas sobre o ambiente, como por exemplo, o uso de pesticidas. Em

² Filósofo e astrônomo grego, Anaximandro nasceu em 610 a. C., em Mileto, onde também teria morrido, em 547 a. C. Sabe-se que era discípulo de Tales, e o historiador Apolodoro de Atenas refere-se a ele, vivo, em 546 a. C. São-lhe atribuídas a descoberta da obliquidade da eclíptica, a introdução do quadrante solar e a invenção de mapas geográficos. Anaximandro pertenceu à Escola de Mileto, fundada por Tales (640 a. C. - 545 a. C.), responsável por formular a primeira teoria cosmológica, sobre a origem e a formação do mundo (Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/anaximandro.jhtm>. Acesso em: nov. 2014.

1968 nasce o conselho para educação ambiental, no Reino Unido, nesse mesmo ano surge o Clube de Roma que em 1972, produz o relatório “Os limites do crescimento econômico” e estudou ações para se obter no mundo um equilíbrio global como a redução do consumo tendo em vista determinadas prioridades sociais (JACOBI, 2001).

Em 1979 houve realizações do seminário da Educação Ambiental para a América latina realizado pela UNESCO e PNUMA na Costa Rica. O departamento do ensino médio/MEC e a CETESB publicam o documento “Ecologia uma proposta para o ensino de 1º e 2º graus” (REIGOTA, 1999).

A partir da conferencia intergovernamental sobre educação ambiental realizada em Tsibilizi (Russia), em 1977, inicia-se um amplo processo em nível global orientado para criar as condições que formem uma nova consciência sobre o valor da natureza e para orientar na produção de conhecimentos baseada nos métodos da interdisciplinaridade e nos princípios da complexidade (JACOBI, 2003:23).

No Brasil, em 1999 foi promulgada a lei nº 9795 de 27 de abril de 1999 que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, que foi regulamentada após as discussões na Câmara Técnica Temporária de Educação Ambiental no CONAMA. A Portaria 1648/99 do MEC cria o grupo de trabalho com representantes de todas as suas Secretarias para discutir a regulamentação da lei nº 9795/99 que trata sobre a educação ambiental.

No nível microssocial a educação ambiental começa a surgir no Brasil com ações isoladas de professores, estudantes e escolas, que lutavam pelo ambientalismo e liberdades democráticas no início dos anos 70. Em 1973, com a criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA) a institucionalização da educação ambiental teve início no governo federal brasileiro; a SEMA também começou a inserção da temática ambiental nos currículos escolares dos antigos 1º e 2º graus, na região Norte. Já em 1981 por meio da Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA) a educação ambiental foi incluída em todos os níveis de ensino, incluindo a comunidade, ato que foi reforçado pela Constituição Federal em 1988. A partir de 1990, diversas ações em educação ambiental desenvolvidas pela sociedade civil e por instituições públicas receberam aportes financeiros do Fundo Nacional de

Meio Ambiente (FNMA), no ano seguinte, 1991, a Comissão Interministerial para a preparação da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), considerou a educação ambiental como um dos instrumentos da política ambiental brasileira (MEC, 2014: s/p).

Em 1992, foi criado o Ministério do Meio Ambiente, e o IBAMA instituiu os Núcleos de Educação Ambiental em todas as superintendências estaduais, visando operacionalizar as ações educativas no processo de gestão ambiental na esfera estadual, também em 92, durante o Fórum Global, foi estabelecido o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, que constituiu-se como um marco mundial por ter sido elaborado no âmbito da sociedade civil e produzida a Carta Brasileira para Educação Ambiental, durante a Rio-92, que reconhece ser a Educação Ambiental um dos instrumentos mais importantes para viabilizar a sustentabilidade como estratégia de sobrevivência do planeta e, conseqüentemente, de melhoria da qualidade de vida humana (ProNEA, 2005).

A Agenda 21, documento também concebido e aprovado pelos governos durante a Rio 92, é um plano de ação para ser adotado global, nacional e localmente, por organizações do sistema das Nações Unidas, governos e pela sociedade civil, em todas as áreas em que a ação humana impacta o meio ambiente. Além do documento em si, a Agenda 21 é um processo de planejamento participativo que resulta na análise da situação atual de um país, estado, município, região, setor e planeja o futuro de forma socioambientalmente sustentável (MEC, 2014: s/p)

Nos dias atuais, com os meios de comunicação cada vez mais presentes, a educação pela cidadania e socioambientalmente responsável representa a possibilidade de modificar e sensibilizar todos e todas para uma participação na defesa da qualidade de vida. O papel de um educador ambiental entra em foco como uma ação transformadora na qual a co-responsabilização torna-se essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento.

O educador ambiental assume o trabalho de tentar reintegrar o homem de volta à natureza (elo fragilizado senão perdido com a Revolução Industrial) mostrar para professores e estudantes como a quaisquer outros cidadãos que os bens naturais são finitos e que se trabalharmos em parceria com a natureza poderemos ir mais longe a produção e tempo de vida.

Se quisermos melhorar o mundo e garantir a estabilidade e sustentabilidade do meio ambiente (natural e social), devemos partir do pressuposto de que somente reconstruindo o modo de pensar e consumir de todos nós e nosso modo de lidar com meio ambiente poderemos alcançar o equilíbrio ambiental.

2.2. Interfaces da Educação Ambiental (EA) com o Plano Nacional de Educação (PNE/Brasil)

Quando nos referimos à educação ambiental, não estamos tratando apenas de natureza, como geralmente esse termo é concebido, mas a um conjunto de relações sociais, políticas, históricas e econômicas, cujo homem é sujeito participante, transformador, e consequentemente receptor de suas ações.

De acordo com Oliveira (1998:s/p)

(...) a educação ambiental deve ser encarada como um processo voltado para a apreciação da questão ambiental na perspectiva histórica, antropológica, econômica, social, cultural e ecológica, como educação política, já que são as decisões políticas que dão lugar às ações que afetam o meio ambiente.

Brügger (1999) aponta que a crise ambiental é uma leitura da crise da própria sociedade, a gestão dos recursos naturais encontra-se muito além das questões técnicas, referindo-se também ao contexto econômico, social, político e cultural. A educação ambiental vista como um agente de transformação exige uma profunda mudança de valores, atitudes, “uma nova visão de mundo, o que ultrapassa bastante o universo meramente conservacionista.” (BRÜGGER, 1999).

Assim, essa educação não visa somente apontar os problemas de degradação ambiental, poluição, uso inadequado de recursos, mas sim, entender o porquê desses problemas, suas raízes históricas, sociais, culturais e no caso da sociedade capitalista, principalmente a econômica levantando assim hipóteses e propostas de possíveis ações em prol da vida humana, que é dependente e constituinte da natureza.

Em 1975, a UNESCO, em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o meio ambiente (PNUMA) em resposta a recomendação 96 da Conferência de Estocolmo sobre ambiente humano, nomeia o desenvolvimento da educação ambiental como um dos elementos mais críticos para que se possa combater rapidamente a crise ambiental do mundo e cria o Programa Internacional de Educação (PIED) (BRUGGER, 1999: s/p).

A UNESCO realizou estudos sobre a educação ambiental, compreendendo-a como tema complexo e interdisciplinar nesse estudo sobre a relação entre meio ambiente e escola. Realizou isso junto aos seus países membros e naquela época os membros-chefes de Estado perceberam que não se deve limitar a Educação Ambiental a uma disciplina específica no currículo escolar. Essa interpretação dá força para a educação ambiental, instituída pela Lei nº 9795/99, que no art. 10 diz que a mesma não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino e tal entraria como tema transversal em todas as disciplinas e é de responsabilidade dos órgãos do SISNAMA, prefeitura e estado redes estaduais e municipais de ensino bem como a educação privada em todos os níveis de ensino (BRUGGER, 1999:s/p).

A lei 9795/99, estabelece as seguintes disposições:

Artigo 10. A educação Ambiental deve constar como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis de modalidade do ensino normal.

Artigo 11. A dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores em todos os níveis e em todas as disciplinas.

Parágrafo único. Os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da política nacional de educação ambiental.

Artigo 12. A autorização e supervisão do funcionamento de instituições de ensino e de seus cursos na rede pública e privada, observarão o cumprimento do disposto nos artigos 10 e 11 desta lei. (BRASIL, Lei 9795/99)

Estas leis e decretos são guias para que as instituições de ensino pautem a elaboração de seus escolares, tanto para o ensino infantil como para o ensino fundamental. Entretanto, há uma ótica institucional que é baseada, também, na compreensão e no acompanhamento do meio onde esta escola está estabelecida, suas condições políticas econômicas e sociais.

Em 9 de janeiro de 2001, no governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso, foi sancionada a Lei nº 10172, responsável pela aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE). Tal documento, reelaborado a cada dez anos, traça diretrizes e metas para a educação em nosso país, com o intuito de que estas sejam cumpridas até o fim desse prazo³.

O primeiro PNE foi elaborado em 1999, para vigorar entre os anos de 2001 a 2010. Além de possuir diversas metas, dificultando o foco em questões primordiais, estas não eram mensuráveis e não apresentavam, por exemplo, punições para aqueles que não cumprissem o que foi determinado. Além disso, algumas questões importantes foram vetadas pela presidência, como o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) direcionado para a educação, em 3%, em razão das dificuldades econômicas vigentes no segundo mandato do presidente em exercício; e a responsabilidade pela educação, mesmo a pública, foi colocada como uma tarefa de todos, descentralizando a responsabilidade do Estado quanto a isso – embora tal descentralização não tenha ocorrido, por exemplo, no que tange às decisões, que poderiam ser compartilhadas considerando as pontuações e vontade dos diversos segmentos sociais do nosso país. Aliás, é válido frisar que a lei referida no primeiro parágrafo deste artigo foi originada a partir da pressão social de várias entidades, predominantemente constituídas por educadores, profissionais da educação, pais de alunos e estudantes (BRUGGER, 1996: s/p).

³ A educação brasileira passou a ser alvo de uma organização mais sistemática a partir da década de 1930, pós-revolução que levou Getúlio Vargas ao cargo de presidente da república. O Brasil estava no início do processo de industrialização, a migração do campo para a cidade já era intensa desde a década anterior. Até então a educação não era considerada um problema, pois estava reservada às elites enquanto que a maioria da população, vivendo no campo, não via significado em frequentar a escola.

No que se refere ao novo PNE, que contempla os anos de 2011 a 2020, seu projeto de lei foi enviado pelo governo federal ao Congresso em 15 de dezembro de 2010. Este documento é mais sucinto, e também quantificável por estatísticas, podendo facilitar a sua execução e também fiscalização. Tal fato também permite com que ele seja discutido nas escolas, aumentando as chances de seus objetivos serem, de fato, compreendidos e também alcançados (PNE, 2001).

A edição de 2001 do PNE traz com ela diretrizes que somente poderão ser efetuadas com uma boa base de educação ambiental, logo em seu art. 2º que trata das diretrizes está expresso que uma delas é a promoção da sustentabilidade ambiental. Justamente para atender essa diretriz alguns programas desenvolvidos pelo governo é o Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA – (PNE, 2001).

O ProNEA foi iniciado em 1996 pelo governo federal e tem por objetivo promover a educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para garantir o meio ambiente ecologicamente equilibrado. O ProNEA foi desenvolvido pelo ministério do Meio Ambiente e Amazônia Legal e contemplou as seguintes linhas de ação:

- a) Capacitação do sistema de educação formal, supletiva e profissionalizante revisão de bibliografia e material pedagógico visando a abordagem da ecologia como tema transversal nos currículos, ou seja, interdisciplinar.
- b) Capacitação dos profissionais de comunicação (jornalistas, escritores, artistas, etc.) através de cursos seminários, treinamentos e similares, a fim de promover a democratização das informações ambientais.
- c) Apoio as iniciativas ambientais comunitárias, de órgãos governamentais e outras instituições externas ao sistema educacional, visando a participação cada vez maior da sociedade na construção da consciência ambiental.
- d) Incentivo de criação organismos próprio, em nível estadual, para desenvolver estudos, pesquisas e inovações praticas para a disseminação da educação ambiental.
- e) Promoção de encontros, seminários e conferencias em níveis local, estadual e internacional, destinados para os agentes institucionais multiplicadores da consciência ambiental e das práticas da educação ambiental (ProNEA, 2005, s/p).

O ProNEA foi elaborado por meio de consulta pública realizado em parceria com as Comissões Interinstitucionais Estaduais de Educação Ambiental (CIEAs) e as Redes de Educação Ambiental entre setembro e outubro de 2004. As oficinas promovidas tinham como título “Construindo juntos o futuro da educação ambiental brasileira”, e foi uma oportunidade de mobilização entre os educadores ambientais para o debate das realidades locais e implementação das Políticas e Programas estaduais de educação ambiental. O programa tem âmbito nacional, porém sua implementação não é exclusiva do poder público federal, todos os segmentos sociais e esferas de governo são corresponsáveis pela aplicação, execução, monitoramento e avaliação (CZAPSKI, 2009)

A expectativa sobre o programa é que seus objetivos e estratégias pudessem ser revisados e aperfeiçoados constantemente, uma vez que a educação ambiental no Brasil está em construção, mas sem renunciar os objetivos e abandonar as diretrizes e princípios do programa. O desafio em obter um Brasil sustentável, traz a necessidade de ações educacionais, pois associa-se a degradação do solo, poluição atmosférica, a contaminação hídrica, sobre tudo o desenvolvimento desordenado das atividades produtivas ao nível de pobreza e exclusão social da população, considerando também a parcela da sociedade que exclui-se da percepção de meio ambiente.

Essas ações em educação ambiental voltadas à proteção, recuperação e melhoria socioambiental são tão importantes quanto às medidas jurídicas, técnico-científicas, institucionais e econômicas e cabe a cada um desses sistemas sociais o desenvolvimento de funções que busquem superar os obstáculos da exclusão social e da distribuição da riqueza do país mal planejada. A educação ambiental tem a função de propiciar os processos de mudanças culturais em direção à instauração de uma ética ecológica e de mudanças sociais em direção ao empoderamento dos indivíduos, grupos e sociedades que se encontram em condições de vulnerabilidade em face dos desafios da contemporaneidade (ProNEA, 2005, s/p).

Neste sentido, o ProNEA é uma criação do governo federal que estabelece condições necessárias para a gestão da Política Nacional de Educação Ambiental e busca contribuir para o enraizamento de uma cultura de respeito e de valorização da diversidade e da identidade.

2.3. Possíveis relações entre Educação Ambiental e a Educação Infantil

Desenvolver a consciência ecológica nas pessoas é um dos grandes passos nos processos promovidos através da Educação Ambiental pela sustentabilidade. Ter a consciência de que todas as pessoas façam parte do meio ambiente tanto quanto animais e plantas por vezes podem ser muito complexos. Em vista da quantidade imensa de propagandas e campanhas que mostrem o contrário este pensamento sustentável pode ser difundido para boa parte da população se os responsáveis por ela quiserem. E um dos meios que se provam mais eficazes e significativos para estas campanhas de conscientização são as escolas (BRANCO, 2007; MARTIN-BARÓ, 1992).

Como já dito antes, a Educação Ambiental surgiu no Brasil em meados de 1999, poucos anos antes do surgimento do termo sustentabilidade. Sancionada como um projeto de lei, a Educação Ambiental teve como objetivo incentivar práticas ecológicas nas escolas e outras instituições de ensino, além de dissociar a ideia do antropocentrismo, isto é, de que o homem é o centro das atenções, não ligado ao meio ambiente. Esta educação ambiental é difundida através de literatura, projetos culturais como teatro e feira de ciências, e outras atividades discutidas e planejadas pelos professores e diretores dos colégios (BRANCO, 2007):

A batalha da formação do homem pode ser definida como vencida ou vencedora na educação infantil e, também no Ensino Fundamental. É nesse mundo cujas lembranças carregamos num lugar especial de nossos corações, que se travou a mais bela batalha para se erguer e afirmar o que somos hoje (BRANCO, 2007:35).

É na educação fundamental que se inicia o processo de preparar o indivíduo para tomar o seu lugar na sociedade. Após décadas de debates, a educação tradicional incorporou a questão ambiental que trouxe para seu currículo a adoção de novas práticas didáticas, utilizando novas ferramentas pedagógicas para sensibilizar o estudante e prepará-lo para participar da construção de uma sociedade melhor e adaptada aos eixos da sustentabilidade, com uma visão ampla dos seus problemas gerais e reais e

dos recursos que permitem mudar a situação significando uma maior atenção aos currículos escolares em ciências humanas e sociais.

A educação do cidadão, e entre eles de jovens e crianças, surge como uma ferramenta poderosa, pois permite que novas atitudes e comportamentos se estabeleçam na sociedade, gerando adultos conscientes e sensíveis a uma educação para a cidadania, com a formação de indivíduos atentos aos problemas socioambientais e capazes de participar nas decisões da sociedade. Dentro deste contexto, destaca-se a educação ambiental, que promove o estabelecimento de conexões entre o meio natural e a sociedade, de forma a priorizar um novo perfil de desenvolvimento, com ênfase na sustentabilidade socioambiental (JACOBI 2004).

A Educação Ambiental é um processo educativo que tende a formar cidadãos éticos nas suas relações com a sociedade e com a natureza. Durante a formação, cada indivíduo é levado a uma reflexão de seus comportamentos e valores pela aquisição de conhecimentos, compromisso e responsabilidade com a natureza e com as gerações futuras. Ainda segundo estes autores, a Educação Ambiental contribui para que o indivíduo seja parte atuante na sociedade, aprendendo a agir individual e coletivamente na busca de soluções. (JACOBI 2004)

Dessa forma, a escola surge como um importante agente socializador, uma vez que é responsável não apenas pela difusão de conhecimentos, mas pela transmissão dos valores entre diferentes gerações (MARTIN-BARÓ, 1992, apud ELALI,2003).

A escola, depois da família e da sociedade, pode ser vista como um espaço fundamental para o processo de socialização da criança, onde as relações pessoais podem ser mais bem trabalhadas e assimiladas. Dessa forma, as relações do ser humano entre si e com o ambiente devem ser trabalhadas no ambiente escolar, uma vez que tratam de assuntos de grande relevância para a sociedade de hoje, uma vez que se faz notório o nível dos desajustes sociais, econômicos e ambientais do mundo moderno (DALRI, 2010).

A educação ambiental nas escolas pode ser promovida através da ludicidade como método de estímulo à conscientização dos temas ecológicos diversos, pois a metodologia lúdica possibilita um cem número de práticas de interação e motivação mútua e consequentemente de uma aquisição mais eficaz do conhecimento (DALRI, 20010).

A aplicação de atividades lúdicas na sala de aula é uma intervenção que permite o uso da temática ambiental, podendo ser executada transversal e interdisciplinarmente, em todas as disciplinas, sendo uma ação possível e parte integrante do fazer pedagógico cotidiano, independentemente da área, bem como do nível de ensino, seja ele fundamental, médio ou superior. Nesse sentido que esta monografia teve por intuito promover a conscientização de crianças de escola CAIC JKO da cidade de Sobradinho/DF sobre a importância da problemática ambiental e a necessidade de preservação de nossos recursos. Para isso utilizou-se atividades lúdicas, as quais foram conduzidas por alunos do Curso de Gestão Ambiental da Faculdade UnB Planaltina de forma a tornar as crianças envolvidas cidadãs mais consciente de seu papel na sociedade (DALRI, 2010).

Tais atividades serão mais detalhadamente descritas e discutidas no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3 – Cuidar do Planeta Terra brincando: bonecos, crianças e a preservação do meio ambiente. Ferramenta da Educação Integral

Uma das estratégias de trabalho com a educação integral é o teatro de bonecos enquanto dinâmica de integração da criança com o mundo por meio da ludicidade. As atividades lúdicas, de acordo com a definição de Pereira (2008:161) são:

(...) aquelas brincadeiras ou jogos que permitem instaurar um estado de inteireza (pensamento, sentimento e ação): “uma dinâmica de integração grupal, ou de sensibilização, atividades de artes-plásticas (massa de modelar, recorte e colagem, desenhos, pinturas, construção de fantoches, entre outras).

Autores como Vygotsky (2009), Luckesi (2010), Benjamin (2010) e Pereira (2008) consideram a ludicidade indissociável da prática pedagógica infantil, fazendo parte fundamental do processo criativo da criança, por trabalhar questões associadas à imaginação, expressão, sensibilização e interação.

Desta forma, as vivências em teatro de Bonecos representam uma possibilidade de aplicação de práticas pedagógicas lúdicas, que buscam a espontaneidade, a alegria, a autonomia e a liberdade associadas diretamente ao desenvolvimento da criatividade nas crianças participantes (MARTINS, 2008).

Durante a nossa infância todos nós já nos deparamos de alguma forma com o teatro de bonecos. Talvez tenha sido assistindo alguma peça de mamulengos em pequenas cidades ou em ruas de grandes cidades ou até mesmo na tv em seriados como o Alf o *Eteimoso*, Vila Sésamo, com o ilustre Garibaldo e os *Muppets*.

De alguma forma já nos deparamos com o mundo lúdico que nos proporciona pela primeira vez aquela sensação de se sentir tomado pelo temor e muito encantamento ao ver as luzes se apagando, as cortinas se abrindo e do nada artistas passam a dar vidas a criaturinhas que começam a se movimentar na sua frente e interagir com todos.

Sem que se perceba, os bonecos se tornam para nós, quando crianças, uma fonte de imaginação, aventura e prazer. Por partilhar essas experiências, nós educadores, podemos utilizar dessa arte e fazer dela uma ferramenta pedagógica.

Certamente essa iniciativa é louvável e pode trazer ótimos resultados, pois os fantoches fazem sucesso desde que o homem aprendeu a se comunicar e elaborou uma nova maneira de contar suas histórias, fossem elas para adulto ou para crianças. Conta-se que os primeiros atos lúdicos foram com as próprias mãos quando ainda na idade da pedra com as luzes das fogueiras e abrigados em cavernas, os homens usavam as sombras projetadas nas paredes para formar semblantes de animais para contar histórias ou também usados pelas mães para distrair os filhos (LADEIRA; CALDAS, 1993:10).

Desde então, os fantoches têm ganhado o mundo tomando as mais variadas formas: teatro de sombras, marionete, bonecos de vara, bonecos de luva, brinquedos articulados como o famoso Pinóquio, e tantos outros. No Brasil a forma mais popular é o teatro de Mamulengos, que vem da derivação da frase “Mão Molenga” que de fato é uma qualidade essencial aos bons bonequeiros que realizam essa arte (LADEIRA; CALDAS, 1993). No entanto, a nossa arte popular nos dias de hoje tem se mostrado esquecida e as crianças estão se acostumando a ver esses fantoches somente em programas de TV que na maioria das vezes é um programa importado e preferem brincar com bonecos de superheróis feitos em indústrias do que fabricar seu próprio boneco; dão mais valor a bonecos eletrônicos que se movimentam sozinhos do que dar vida a um outro que não se move. Também estão brincando cada vez mais sozinhas e passando a viver um tipo de diversão solitária onde não exercita a arte de contar histórias e imaginar acontecimentos.

Brincadeira é coisa séria, pois brincando, a criança se expressa, interage, aprende a lidar com o mundo que a cerca e forma sua personalidade; recria situações do cotidiano e nele se expressa. Neste processo percebe-se a importância do brincar como forma da criança expressar-se e desenvolver suas habilidades de criação, de relacionar-se e de interagir com o mundo ao seu redor (Silvia, 2011).

A maneira lúdica de aprender na educação infantil é de extrema importância, pois leva o aluno a sensações e emoções fundamentais para o seu desenvolvimento. Afinal, brincando a criança forma sua personalidade e aprende a lidar com o mundo. Assim, pelo fato da brincadeira estar intrinsecamente ligada ao desenvolvimento infantil, também deve estar inserida no contexto escolar com o objetivo de auxiliar o processo de aprendizagem (Silvia, 2011).

Segundo (LIRA e RUBIO, 2014: s/p):

A brincadeira é uma maneira surpreendente de aprendizagem, além de promover a integração entre as crianças. Nesta fase, a criança está sempre descobrindo e aprendendo novas coisas, é um ser em criação, o brincar nessa fase é fundamental para seu desenvolvimento social e cognitivo. A maioria dos adultos, incluindo pais e professores, está preocupada apenas com o aspecto pedagógico. Para estes, a escola representa um lugar sistemático de aprendizado, enquanto consideram jogo, brinquedo ou brincadeira simplesmente um lazer.

Dentro desta perspectiva, esta monografia pretende levar pais e educadores a uma reflexão, fazendo com que os mesmos adotem uma postura que transforme sua visão em relação ao lúdico como forma de aprendizagem.

Em Vigotsky (2009) temos o pressuposto que o ser humano possui capacidade de conhecer, aprender e construir e que tal processo ocorre por meio das trocas e interações entre o sujeito e o meio. Dessas interações existem infinitas possibilidades de se desenvolver a capacidade afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem da criança na relação consigo, com os objetos e com os outros.

Nosso estudo sobre interações entre a criança e o meio ambiente por meio do teatro de bonecos pode ser uma contribuição para escola, pais e educadores, uma vez que o mesmo visa estabelecer as relações da criança com o brincar; verificar os fatores que através do ato de brincar levam ao desenvolvimento social, cognitivo e afetivo da criança.

3.1. A Educação Integral e os CAICs

Educação integral. A palavra integral significa inteiro, completo, total. Portanto, defender uma educação integral, é defender uma educação completa, que pense o ser humano por inteiro, em todas as suas dimensões. Não só em tempo, mas principalmente em qualidade, rimar e unir quantidade e qualidade. Não adianta apenas aumentar a quantidade, sem melhorar a qualidade. Portanto, precisa-se ampliar as quatro horas-aulas que crianças, adolescentes e jovens do campo e melhorar sua qualidade, garantindo o acesso e o direito às diversas atividades: arte, esporte, lazer, cultura, conteúdos pedagógicos, científicos, profissionalização, dentre outros elementos (PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2002). É pensar uma educação que discuta e construa valores, cidadania, ética na valorização e fortalecimento da identidade étnica, cultural, local, de gênero, valores estes essenciais para construção uma sociedade sustentável, com justiça social (COELHO, 2003)

A Educação Integral tem sido um ideal presente na legislação educacional brasileira e nas formulações de nossos mais brilhantes educadores. Iniciativas diversas, em diferentes momentos da vida pública do país, levaram esse ideal para perto das escolas, implantando propostas e modelos de grande riqueza, mas ainda pontuais e esporádicos. O Ministério da Educação, por meio das Secretarias de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) e de Educação Básica (SEB), em parceria com o FNDE, retomou esse ideal para, a partir do aprendizado com experiências bem-sucedidas, levá-lo como prática às redes de ensino dos estados e municípios do país.

As experiências recentes indicam o papel central que a escola deve ter no projeto de Educação Integral, mas também apontam a necessidade de articular outras políticas públicas que contribuam para a diversidade de vivências que tornam a Educação Integral uma experiência inovadora e sustentável ao longo do tempo. Com essas premissas, foi instituído o Programa Mais Educação no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE, 2007).

Cabe ressaltar que a Educação Integral exige mais do que compromissos: impõe também e, principalmente, projeto pedagógico, formação

de seus agentes, infraestrutura e meios para sua implantação. Ela será o resultado dessas condições de partida e daquilo que for criado e construído em cada escola, em cada rede de ensino, com a participação dos educadores, educandos e das comunidades que podem e devem contribuir para ampliar os tempos e os espaços de formação de nossas crianças, adolescentes e jovens na perspectiva de que o acesso à educação pública seja complementado pelos processos de permanência e aprendizagem (PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2002).

Foto 1 – Fachada do CAIC JKO, Sobradinho II/DF



Fonte: Trabalho de campo, setembro de 2014. Elaborado pelo autor: MENEZES, R.C.S

Os CIACs foram Centros Integrados de Atenção à Criança. Tratava-se do projeto de escola de tempo integral implantado pelo governo Itamar Franco (1992-1994). Foi basicamente Collor (1990-1992) que em sua condução, os batizou de Centros Integrados de Atendimento à Criança.

O Projeto do Governo Collor (PROJETO MINHA GENTE – Informações Básicas sobre o Projeto, 1992) propunha em seu texto original, nove programas de atendimento setorizados, quais sejam: Núcleo de Proteção à Criança e à Família, Saúde e Cuidados Básicos da Criança, Educação Escolar, Esporte, Cultura, Creche e Pré-Escola, Iniciação ao Trabalho, Telê educação e Desenvolvimento Comunitário. Esses programas setoriais demonstraram que,

apesar do CIAC afirmar-se como um projeto escolar, estes prevaleceram fragmentados em diferentes objetivos de atendimento nas áreas da saúde e do social.

Todavia, o fim do governo Collor não significou o fim do projeto dos CIACS. Para não perder os investimentos já realizados, da ordem de um bilhão de dólares, o ministro Murílio Hingel decidiu dar continuidade ao programa em outros termos, inclusive pela alteração de sua sigla, com gastos previstos de 3 bilhões de dólares para o período 1993-1995. A partir de 1992 passaram a se chamar Centros de Atenção Integral à Criança (CAICs).

3.2. Sujeitos da pesquisa, sujeitos do mundo: quem são os próximos guardiões do futuro. Breve perfil das crianças e do CAIC (JKO)

A escola CAIC JKO possui hoje 1.200 alunos com idade que variam de 4 a 15 anos, sendo 49 especiais (23 meninas e 26 meninos). Também conta com um corpo docente de 124 professores com formações diversas como magistério, pedagogia, história, psicologia, educação física, ciências matemática, biologia e física. Contem 12 coordenadores, 68 funcionários de apoio (limpeza, segurança e alimentação), possui 42 salas de aula, 8 laboratórios, 9 espaços de recreação e 10 banheiros.

A escola possui uma área de integração e convivência bem cuidada. Segundo a coordenação, as crianças utilizam estes espaços com frequência uma vez que é parte do conteúdo das aulas o desenvolvimento psicomotor delas.

Foto 2: Pátio aberto de recreação do CAIC JKO – Sobradinho II



Fonte: Trabalho de campo, setembro de 2014. Elaborado pelo autor: MENEZES, R.C.S

No dia que se realizou o teatro de bonecos trabalhou-se com 12 turmas no turno da manhã (com crianças de 03 a 04 anos de idade) e mais 12 turmas no turno vespertino (com crianças de 05 a 07 anos). Cada grupo de crianças tinha em média 30 estudantes.

Foto 3: Boneco Sivuca e as crianças do CAIC JKO, Sobradinho/DF.



Fonte: Trabalho de campo, setembro de 2014. Elaborado pelo autor: MENEZES, R.C.S

Muito pouco se ensina sobre educação ambiental no CAIC JKO pois esses ensinamentos só acontecem em datas comemorativas como o dia da água, do índio, etc.. Não há na escola livros ou cartilhas sobre educação ambiental, para que possam servir de objeto de consulta tanto para o aluno como para os professores.

3.3. Metodologia

A abordagem desta pesquisa monográfica é de ordem qualitativa uma vez que buscou a interação monitorada dos sujeitos envolvidos na proposta do estudo e exploratória (estudo inicial e piloto de um processo de mobilização socioambiental com visitas programadas aos estudantes e professores da educação infantil) com os alunos da Educação Infantil da Escola CAIC JKO – Sobradinho II. Trata-se também de uma abordagem revisional, pois pautou-se inicialmente em uma revisão bibliográfica e documental do tema proposto (MINAYO, 2010; GIL, 2000; YIN, 2005).

No CAIC JKO cerca de 1.200 crianças participaram do teatro de bonecos “*Sivuca e Marabá reciclando Ambientes*” durante um dia inteiro de apresentação. **No total foram realizadas 6 apresentações de 45 minutos cada uma, sendo 3 pela manhã e 3 pelo período da tarde, cada apresentação tinha cerca de 200 alunos.** Deste universo, foram analisados quatro desenhos de cada faixa etária: dos 04 aos 08 anos de idade, totalizando 20 desenhos estudados. **Os desenhos foram escolhidos de acordo com seu grau de informação e significância com o tema passado, já que se tratava de uma pesquisa direcionada onde 90% dos desenhos abordaram imagens que retratavam a peça.** Após assistirem ao teatro as crianças foram conduzidas por suas professoras a registrar em cores o que haviam aprendido, visto ou sentido com a peça. Cabe ressaltar que o trabalho de análise foi feito de modo exploratório e inicial. Buscou-se apoio em manuais de psicopedagogia e psicanálise pois o responsável desta pesquisa é bacharelado em Gestão Ambiental e não possuía todas as ferramentas de psicologia infantil para analisar os desenhos apresentados pelas crianças do CAIC JKO. Todavia, com literatura e alguns manuais foi possível desenvolver uma leitura descritiva dos

registros infantis. A seguir apontam-se todos os elementos da metodologia de pesquisa deste trabalho:

3.3.1. Instrumentos: observação participante, inserção no espaço escolar com bonecos feitos de material reciclado; roteiro pré-elaborado de teatro popular de bonecos; roteiro semiestruturado de pesquisa lençóis, tnts, música, vídeos, câmara fotografia, filmadora, papéis diversos, tintas-guache, pinceis, etc;

3.3.2 Universos/amostras: aproximadamente 1200 alunos da Escola CAIC JKO, Sobradinho II/DF;

3.3.3. Ações/atividades de campo e estudo:

- a) **Aula interativa** sobre meio ambiente (água, lixo,);
- b) **Entrevista** ao coordenador da Escola;
- c) Desenvolvimento de um **miniteatro de bonecos**;
- d) **Registro das reações e percepções** das crianças sobre o teatro vivenciado acerca das questões ambientais abordadas. As crianças serão provocadas a expressar em papel e cores como perceberam as questões apontadas no teatro;
- e) Para realizar esse trabalho foram usados **2 bonecos confeccionados pelo próprio pesquisador**. Tais bonecos foram feitos de material reciclado e fora os protagonistas da peça “Sivuca e Marabá, reciclando ambientes”. A peça foi desenvolvida em narrativa direta e abordou questões sobre a separação do lixo em seco e orgânico, a importância das árvores e da água.
- f) **Roteiro do Teatro:** “*Sivuca e Marabá reciclando ambientes..*”

Sivuca e Marabá.



São bonecos feitos com espuma moldável e roupas velhas que normalmente seriam jogadas no lixo. Os olhos são bolinhas de desodorantes rolon, as barbas foram feitas da pelúcia de ursinho que não era mais usado e luvas velhas achadas no lixo.

Os bonecos foram criados para interagir com as crianças e impulsionar a realização de arte com o uso da arte e o teatro para motivar pinturas. Esse modelo de boneco permite que o bonequeiro tenha uma motricidade maior que os bonecos de teatro fixo uma vez que as crianças podem correr atrás, pegar e sentir os movimentos que os bonecos realizam. Além disso, a magia de ver um personagem que antes só tinha vida na televisão, agora esta materializado na sua frente falando e andando! As crianças se encantam a ponto de falar com eles sem nem imaginar que tem um adulto dentro de cada boneco.

O que se passa na peça de teatro sobre a vida dos dois bonecos é que ambos são retirantes do nordeste: Marabá não possui consciência ambiental, pois não enxerga que o homem modifica o meio natural a ponto de destruí-lo por completo, mas já Sivuca sabe que grande parte da degradação ambiental que havia em sua terra nordestina era pela ação antrópica do homem e ele é possuidor de uma grande consciência ambiental, por ter visto seu nordeste acabar e tenta mostrar para todos que é possível reverter a atual crise socioambiental com atitudes simples.

Texto do teatro.

Ao som de uma musica do bob Marley “one love” Marabá entra em cena catando uma lata que encontra no chão. Ao pegar a lata a musica se encerra e ele diz:

_Eu sou o Marabá o maior catador de latinha do Centro-Oeste e sabem por que eu cato lata? Porque dá dinheiro e eu gosto de dinheiro.

Daí então Sivuca entra em cena e pergunta:

_ Marabá por que diacho você só cata latinha?

Marabá diz:

Porque a latinha é a minha fonte de renda. Eu vendo elas e fico com os bolsos cheios de dinheiro.

Sivuca diz:

Mas Marabá, papel também é fonte de renda e outra, reciclando o papel você salva a vida de várias árvores.

Então Marabá pergunta:

_Reci o que? Reciclar? Meu amigo nunca nem ouvi essa palavra.

Dai Sivuca se vira para as crianças e pergunta:

Quem aqui sabe o que é reciclagem? Reciclagem é dar uma nova vida ao que seria destinado ao lixo, ou seja, olhem minha camisa, ela é fruto da reciclagem: essa daqui era do meu bisavô e depois do meu avô, depois foi do meu pai que passou para o meu irmão mais velho e agora é minha, e olhem só como ela tá linda em mim, novinha, parece até que saiu da loja agora mesmo. Tô ou não tô bonito? E outra Marabá você tem que ajudar a reciclar o papel para que possamos salvar as árvores.

Marabá diz:

E o que que eu quero saber de árvore? Lá no meu nordeste a gente arrancava tudo pra fazer pau de cerca..

Sivuca diz:

_E por que você saiu de lá?

Marabá responde:

Por que lá não tinha água.

Então Sivuca explica para todos a importância que se tem as árvores para a preservação de mananciais e como podemos salvar as árvores reciclando papéis.

Depois de explicar toda a importância da separação do lixo e dos benefícios que a reciclagem traz para o meio ambiente, Marabá é convencido pelas crianças que tem que ter mais responsabilidade com o meio ambiente e sela um acordo com todas as crianças: o de se comprometer a catar o lixo seco se todas elas separarem o lixo.

Com o acordo selado Marabá e Sivuca saem de cena.

O teatro foi realizado no dia 26/09/2014 no CAIC de Sobradinho 2, a peça foi apresentada 3 vezes de manhã e 3 vezes de tarde alcançando um total de 1200 alunos. Após as apresentações foi pedido para que cada professor junto aos seus alunos realizasse desenhos individuais sobre o assunto falado e com conhecimentos já adquiridos.

Foto 4: A forma lúdica da apresentação prende toda a atenção das crianças.



Fonte: Trabalho de campo, setembro de 2014. Elaborado pelo autor: MENEZES, R.C.S

O teatro visa também a participação das crianças, explorando a bagagem de conhecimentos que ela já traz consigo sobre questões ambientais:

Foto 5: Boneco Sivuca interagindo com as crianças do CAIC JKO, Sobradinho/DF: “Você sabe o que é lixo?”



Fonte: Trabalho de campo, setembro de 2014. Elaborado pelo autor: MENEZES, R.C.S

As crianças se encantam com os bonecos a ponto de fixar o olhar nos olhos deles como se realmente eles tivessem vida. Só quem está dentro dos bonecos sabe decifrar o encantamento que reflete nos olhares curiosos das crianças quando se aproximam dos bonecos.

3.4.Técnica de análise de dados: psicopedagogia e interpretação de desenhos infantis

Analisar comportamentos e modo de vida dos seres humanos através de desenhos não é uma atividade nova, as pinturas rupestres que data-se a mais antiga 30.000 e 32.000 anos de idade. Representavam costumes e hábitos dos homens primitivos.

O estudo do desenho infantil começou no final do século XIX e de acordo com Silva (2002) as descrições dos aspectos mais gerais e as descrições das mudanças ocorridas no processo deste estudo parecem

coincidir em autores como (Kellogg, 1969; Lowenfeld, 1977; Luquet, 1981; Lurçat, 1988; Goodnow, 1979 e Merèdieu, 1979 apud SILVA, 2002). Na opinião desses autores há a necessidade de um amadurecimento da criança, por meio dos desenhos, principalmente nas áreas neuromotora, sócio-afetiva e cognitiva.

Ainda de acordo com Silva (2002:19):

(...) ainda segundo os autores citados, crianças a partir de seis anos já desenham de maneira que o adulto pode facilmente reconhecer determinados objetos nas produções gráficas infantis. Alguns aspectos dos desenhos como linha de base... o plano deitado.... e a transparência... são mencionados de forma a constituir características universais do desenho infantil.

Por outro lado Wilson e Wilson (1982) reconhecem a influência exercida pelo contexto social no desenho infantil e afirmam que não existe ninguém que não seja modificado pelo seu entorno.

A seguir um quadro evolutivo dos estudos com desenhos infantis que nos permite observar a importância história desta abordagem na compreensão do desenvolvimento infantil:

Quadro 1: Cronologia dos Estudos com Desenhos Infantis

Ano	Autor	Contribuição
1887	CONRADO RICCI (Bolonha)	Estudou os vários estágios da evolução do desenho da figura humana, feito por crianças, concentrando-se nos aspectos estéticos e na evolução da cor e suas relações com a arte primitiva. Em sua obra L'arte dei Bambini (1887), "lançou a ideia de que os desenhos que as crianças fazem não são uma tentativa de mostrar a aparência real dos objetos, mas expressões do que as crianças conhecem sobre eles".
1889	VYGOTSKY	Interpreta os desenhos como um estágio preliminar do desenvolvimento da escrita, tendo ambas as mesmas origens de construção: a linguagem falada. Enquanto a escrita não oferece segurança para refletir o pensamento desejado, a criança emprega o desenho como meio mais eficiente para exprimir seu pensamento. Então em cada período do desenvolvimento infantil, a imaginação atuará de uma maneira tal que respeite a escala de seu desenvolvimento. Afirma ainda que a criança vai chegando à adolescência e conseqüentemente dominando melhor a escrita, sua vontade ou mesmo necessidade de desenhar para expressar suas ideias, imaginação e conhecimento a respeito de algo começa a decrescer. Para esse autor as crianças não desenham aquilo que vêem, mas sim o que sabem a respeito dos objetos. Então, podemos afirmar que representam seus pensamentos, seus conhecimentos e/ou suas interpretações sobre uma dada situação vivida ou imaginada.
1893	BARNES (Califórnia)	Procurou analisar a psicologia da criança através do desenho estudando mais de seis mil crianças de 6 a 15 anos.

1925	FLORENCE GOODENOUGH	Organizou teste do boneco que através da apuração de 51 itens no desenho, permite a avaliação do nível mental infantil. Pede-se a criança que desenhe um homem, munido-a de folha de papel e lápis preto. Baseia-se na hipótese de que a representação gráfica tende a acompanhar o processo de maturação psíquica. Quanto mais detalhes mais inteligentes.
1948	JON BUCK (Virgínia/EUA)	Organizou a técnica projetiva htp (casa, árvore e pessoa) e Karen Marchover em 1949 em Nova York organizou o teste da figura humana, ambos tendo como premissas básicas a projeção da imagem do próprio corpo no desenho, ou seja, a concepção que o sujeito tem de seu próprio corpo e suas funções no mundo físico e social.
1952	LAURETTA BENDER	Verificou que certas crianças tidas pelo professor como “portadoras de traços psicopatológicos”, apresentavam desenhos com características não encontradas entre as demais crianças e que as crianças “emocionalmente perturbadas” não desenhavam a figura humana na proporção de suas aptidões intelectuais.

FONTE: elaborado pelo autor a partir de: Ferreira (1998); Cox (1995); Silva (2002)

Toda criança desenha. Pode ser com lápis e papel ou com caco de tijolo na parede. Agir com um riscador sobre um suporte é algo que ela aprende por imitação - ao ver os adultos escrevendo ou os irmãos desenhando, por exemplo. "Com a exploração de movimentos em papéis variados, ela adquire coordenação para desenhar", explica Mirian Celeste Martins (apud SILVA, 2002:s/d), especialista no ensino de arte e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie. A primeira relação da meninada com o desenho se dá, de fato, pelo movimento: o prazer de produzir um traço sobre o papel faz agir.

Os rabiscos realizados pelos menores, denominadas garatujas, tiveram o sentido ampliado sob o olhar da pesquisadora norte-americana Rhoda Kellogg (1967 apud SILVA, 2002), que observou regularidades nessas produções abstratas. Principalmente a forma dos traçados (rabiscos básicos) e a maneira de ocupar o espaço do papel (modelos de implantação) até a entrada da criança no desenho figurativo, o que ocorre por volta dos 4 anos.

No período de produção de garatujas, ocorre uma importante exploração de suportes e instrumentos. A criança experimenta, por exemplo, desenhar nas paredes ou no chão e se interessa pelo efeito de diferentes materiais e formas de manipulá-los, como pressionar o marcador com força e fazer pontinhos. Esse aprendizado durante a ação é frisado pela artista plástica e estudiosa

Edith Derdyk (apud SILVA, 2002: s/p): "O desenho se torna mais expressivo quando existe uma conjunção afinada entre mão, gesto e instrumento, de maneira que, ao desenhar, o pensamento se faz".

De acordo com Rhoda Kellogg (1967 apud SILVA, 2002) as crianças quando expostas a algum tipo de evento seja ele bom ou ruim, seus desenhos servem como indicador de quão profundo isso foi e como mexeu com seu modo de interpretação das coisas, ao aplicar uma aula ou exibir um filme, pede-se para as crianças desenhar o que puderam entender logo o papel se enche de rabiscos e borrões, mas todos com traços que definem como a criança entendeu e como ela reage a essa ação.

3.5. Roteiro de análise dos desenhos

Para analisar os desenhos feitos pelas crianças do Caic, foram usados os parâmetros desenvolvidos no manual de Anabel Guillén (psicóloga, psicopedagoga, psicanalista) "*Análise do desenho numa perspectiva psicopedagógica*" (2014). Seguem os elementos que nortearam a análise deste estudo:

1. **Fases do desenvolvimento:** cognitivo, psicomotor, socioafetivo, percepção visual, oralidade, expressão, reprodução, criatividade, traços de subjetividade e psicopatologia.
2. **Tamanho,** normal, diminuto, grande e exagerado. Relacionado a inteligência da criança e o modo como ela se enxerga perante o meio.
3. **Detalhes do desenho,** falta ou excesso. Caráter mais ou menos observador.
4. **Movimentos nos desenhos,** relacionado a inteligência e ao tônus vital
5. **Transparências, evolução do grafismo ou esquizofrenia.**
6. **Correção e retoques, natureza adaptável e flexível**
7. **Localização,** no meio da página, fora do centro da página, nos cantos, no eixo horizontal para direita e para esquerda, na vertical acima e abaixo do ponto médio. Personalidade própria.

8. **Figuras dependuradas nas margens do papel**, de pé, sentada ou agachada, deitada e inclinada.
9. **Cor, as cores relatam muito sobre personalidade, e a forma como as crianças entendem o mundo.**
10. **Figuras não inteira. Desvio de atenção**
11. **Linha representativa do solo** que indica horizonte firmeza nas atitudes
12. **Desenho da árvore, o modo que mais revela a postura de cada criança com o os elementos naturais**
13. **Flores, magia, alegria ou tristeza.**

3.6 Resultados e discussão.

Em linhas gerais, as oficinas tiveram uma excelente aceitação por parte dos alunos e dos professores da instituição. As crianças mostraram grande interesse nos assuntos trabalhados e na manipulação dos materiais alternativos, como a confecção de desenhos e pinturas relativas ao tema meio ambiente.

O conhecimento empírico dos alunos foi aproveitado pelos professores e transformado em conhecimento formal, sendo muitas vezes corrigido, quando se tratava de conceitos populares errôneos. Da mesma forma, procurou-se trazer o dia-a-dia das crianças para dentro das atividades e contextualizar sua realidade dentro de cada tema abordado, como por exemplo, separar o lixo produzido dentro de casa em seco e orgânico, economizando água durante seu uso, reconhecer o valor das árvores e reconhecendo o mau que o homem causa à natureza.

Cabe ressaltar que os aspectos a serem analisados não devem ser vistos isoladamente, e sim em conjunto, e não devem seguir uma receita, o que nos faria correr o risco de uma interpretação equivocada. Os desenhos devem ser analisados por meio de outros desenhos, da história do sujeito e principalmente do que o sujeito fala acerca do mesmo. Interpretações são hipóteses e não certezas e não devem se basear em dados isolados ou no imaginário do profissional que o analisa (Guillén, 2014).

Milena, 4 anos



Milena, 4 anos, fez a figura de frente dando uma ideia de aceitação do próprio sexo, os cabelos representam esta marca psicosssexual. De acordo com o seu desenho, ela absorveu grande parte do que foi passado na peça de teatro pois as lixeiras estão presentes no seu desenho, diferenciadas, e servem como indicadores. As cores do desenho e a posição dele ao centro do papel demonstra que Milena é uma criança de comportamento controlado. Os tons de alaranjado refletem um desejo de contato, desejo de simpatia: mais fantasia que ação. O azul representa seus controles dos impulsos emocionais. Os pássaros ao fundo do desenho refletem uma ação, dando um movimento ao seu desenho paisagístico, o menino no fundo, o sol e as nuvens estão dando ao desenho uma profundidade. A maneira como Milena pinta seus desenhos de acordo com Anabel, é normal para sua idade a força com a qual ela fez os traços expõe uma energia saudável no seu comportamento.

Ana Clara, 4 anos.



Ana Clara, 4 anos, fez a figura do próprio sexo: os cabelos são esta marca psicosssexual (o desenho de frente reflete uma aceitação do próprio sexo perante o mundo). As lixeiras e os dois homens indicam que ela absorveu o que foi passado na apresentação, de modo que desenhou os dois personagens da peça. O teto da própria escola indica um simbolismo da área ocupada na sua vida pela fantasia. As cores das lixeiras seguem um padrão social de alerta quanto ao lixo que deve ser depositado em cada uma. O sol sorrindo e a presença de uma borboleta nos remete uma sensação de paz espiritual e conforto com o meio ambiente. Apesar da pouca idade os traços pintados estão corretos dentro das margens de contorno do desenho. O desenho que a representa, a bonequinha não tem pé e foi feito abaixo da linha horizontal do papel, demonstrando uma pessoa que se sente insegura, presa a realidade e ao concreto, a falta do desenho dos pés talvez reforce uma insegurança desta criança quando o assunto é meio ambiente.

Leandro, 4 anos.



Leandro, 4 anos. Apesar de não parecer ter forma alguma, o desenho dessa criança é muito curioso: nota-se no desenho uma lixeira verde e no fundo uma outra lixeira rosa aberta e todos desenhos possuem um traço embaixo formando uma espécie de sombra que indica graus de inteligência; as moscas exprimem uma ideia de um ambiente sujo; o uso das irregularidades das pinturas refletem perturbações ambientais, cores mais frias como o azul, caracterizam controle dos impulsos emocionais, o verde indica uma ideia de um certo narcisismo e necessidade de ser reconhecida pelos outros. As cores mais quentes como o amarelo e o vermelho são de impulsividade e alegria. A forma como a criança pinta o desenho e a força do traço expõem uma energia saudável no seu comportamento, talvez ele tenha vivido ou visto algum ambiente no qual as ideias repassadas no teatro tenham que ser postas em práticas.

Breno, 4 anos.



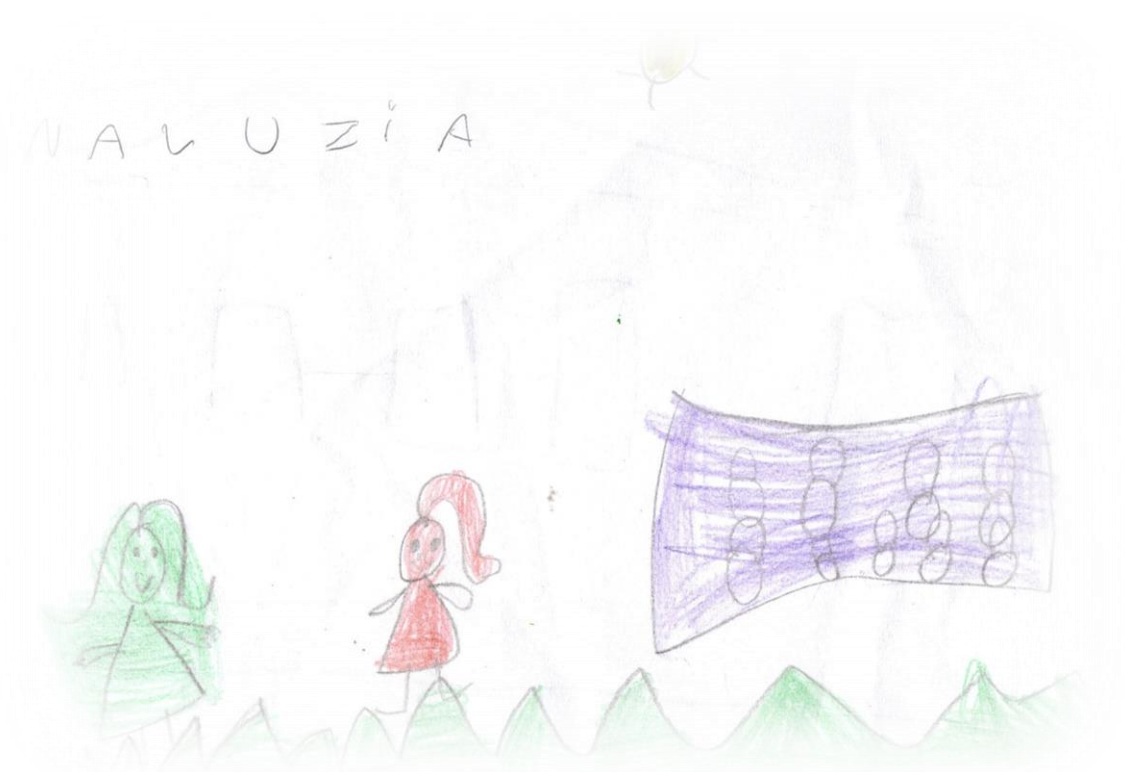
Breno 4 anos relata em seu desenho a maneira que ele assistiu a peça, percebe-se claramente os dois personagens em formas de borrões, a percepção de Breno foi cuidadosa pois ao analisar o desenho de fundo ele usa uma cor quente como o amarelo em sua maior parte, o que indica como estava o dia naquele momento. Com o amarelo Breno fantasia o lugar e por ser uma cor muito luminosa demonstra grande alegria de viver. A criança é de temperamento aberto e ama as descobertas que o futuro lhe reserva, pois as cores lilás e azul do teto da escola seguem tonalidades mais frias simbolizando um frescor e demonstram que a criança tem uma vida interior bem desenvolvida. Simboliza também paz e tranquilidade. Os desenhos se localizam no centro da página em tamanhos proporcionais, horizontalmente proporcional ao que se quis expor e apesar de estarem em formas quase de garatujas o desenho expressa uma ideia de movimento e profundidade.

Davi, 5 anos.



Davi, 5 anos, desenha o que ele aprendeu na peça de teatro: as lixeiras estão diferenciadas por cores e servem como indicadores de como ele entendeu o assunto; ele também desenha os dois personagens da história e um bonequinho que representa ele mesmo. Junto aos personagens Davi pinta ele e um dos catadores de azul, talvez porque ele tenha tido mais afinidade com um dos personagens. O outro boneco é de cor cinza o que pode significar que Davi está insatisfeito com a atitude do catador que não era “legal”, sustentável, ou seja, um personagem era ecologicamente correto e o outro não e isso ele diferenciou nas cores azul e cinza. Os bonecos não tocam o chão, mas para a idade de Davi de acordo com Guillém (2014), é normal, os desenhos estão bem distribuídos no espaço do papel.

Ana Luiza, 5 anos.



Ana Luzia, 5 anos, desenha um lugar limpo, ela faz uma bonequinha que seria ela e outra que seria a professora que apresentou os personagens do teatro a todos (Daniela Tereza). Os tons de alaranjado no sol expressam fantasia, a cor vermelha na qual ela pinta a bonequinha que representa ela demonstra uma impulsividade; a cor verde usada para pintar sua professora é a cor da reprodução ou criação, a professora estava grávida no dia da apresentação. A figura de uma lixeira cheia de lixo chama a atenção no desenho pois está flutuando, mas isso se dá por que ao desenhar Ana Luiza dá mais ênfase ao lixo no lugar certo para que o ambiente fique saudável.

Arthur, 5 anos.



Arthur 5 anos desenha a gestão do lixo aplicada em sua casa. A quantidade de lixeira pode expressar uma ideia do quanto ele gostou da apresentação e que entendeu que é preciso separar tudo quanto há de lixo em sua casa. Os dois bonecos que aparecem são seus pais e isso significa que essa criança leva até seus pais todo o conteúdo passado em sala de aula e que estes (os pais) tem uma participação válida e presente na formação dele. O marrom dentro da casa expressa mais realidade, o azul predominante fora do desenho além de simbolizar um dia claro também pode demonstrar um controle dos impulsos emocionais.

Luiz, 05 anos.



Luiz 5 anos desenha uma cena da peça na qual ele se insere junto aos personagens e a professora. As lixeiras são indicativos de que ele aprendeu sobre a separação do lixo e novamente a professora Daniela Tereza é pintada de verde e agora desenhada com uma barriga mais avantajada. Ao se desenhá-lo, Luiz se faz pequeno proporcional ao seu tamanho de criança se comparado aos adultos daquele ambiente. Isso reflete um grau de inteligência elevado, as cores mais vivas nos catadores demonstram a importância deles para o que foi passado e a figura de uma borboleta voando reflete algum nível de espiritualidade. Apesar do desenho não ter chão, os bonecos estão com os pés alinhados com os fundos das lixeiras o que indica a importância do tema para Luiz.

Fabiane, 6 anos.



Fabiane 6 anos o desenho dela expressa uma harmonia entre pessoas e meio ambiente. O azul das nuvens indica calma e a cor menos quente para ilustrar o sol demonstra mais fantasia que ação. A figura com vários corações (um dentro do outro) aponta o quanto Fabiane gostou do que assistiu na peça de teatro. Os três bonecos desenhados por ela estão de frente para uma casa cada um com um tipo de lixo na mão o que mostra que Fabiane compreendeu a destinação que se deve dar a cada tipo de lixo. Observar-se um saco acinzentado na mão de um deles. Esse cinza é a cor que é usada para o destino dos lixos orgânicos. As expressões faciais de todos os bonecos são de alegria e todos com os pés no chão o que sinaliza a felicidade e a firmeza que Fabiane tem ao se expressar sobre o assunto. A casa não está pintada pois pode não representar a casa dela e sim outra casa qualquer.

Jhulia, 6 anos.



Jhulia 6 anos relata no desenho o que apreendeu na peça: a lixeira serve como indicativo de separação do lixo, assunto central abordado na peça. Ela também desenha os 2 personagens da história dentro do colégio. O teto azul por traz dos bonecos demonstra a calma e frescor do ambiente e o marrom predominante fora da escola expressa algum grau de realidade. Os desenhos estão em tamanhos proporcionais e bem divididos no papel. O desenho da figura humana está mais desenvolvido, podendo mostrar com isso que Jhulia é muito observadora.

Yasmin Kailane, 6 anos.



Yasmin Kailane 6 anos desenha a professora junto com um dos catadores da peça, ambos com os sacos nas costas assim como na apresentação. Uma lixeira demonstra que ela captou o conteúdo aplicado. As cores que ela usa para pintar o catador expressam euforia, contato com a realidade e impulsividade. A cor que ela pinta a professora é verde da cabeça até a barra do vestido: verde é a cor da reprodução e criação. O marrom predomina em quase todo o desenho mostrando um contato com a realidade. O sol em tonalidade mais amarela dá mais fantasia à cena: do lado direito do sol as nuvens estão cinza dando uma ideia de insatisfação e do lado esquerdo elas estão coloridas de verde e azul dando ideia de paz e tranquilidade ao ambiente. Estando as nuvens desse desenho, divididas em “boa e ruim” a criança entende que o meio ambiente não está 100% saudável. São duas linguagens no mesmo desenho partindo do princípio das divisões esquemáticas do papel, de acordo com Guillén (2014), a folha está dividida em dois horizontes e contém informações distintas do mesmo assunto.

Luiz Fernando, 6 anos.



Luiz Fernando 6 anos registra no seu desenho várias lixeiras dentro do colégio. Isso mostra que ele compreendeu o que foi passado pelo teatro: ele desenha uma ação em que ele mesmo joga o lixo no seu devido lugar ao lado da professora (Daniela Tereza também pintada de verde, sinalizando sua gravidez). As formas de coração em cima da escola podem demonstrar o amor que a criança tem pelo local; a presença de uma borboleta expressa espiritualidade e as nuvens em azul retratam uma paz. As cores do sol dão ao desenho um tom de fantasia. Há uma pequena transparência no rosto do boneco que representa Luiz Fernando. Isto significa uma certa etapa na evolução do grafismo. Os tons de marrom expressam contato com a realidade e as pinturas fora do desenho são normais para a idade dele. O desenho não se encontra ao centro do papel pois o que Luiz quis realmente enfatizar na cena era a separação do lixo.

Maria Clara, 7 anos.



Maria Clara 7 anos registra em seu desenho a separação de lixo seco e orgânico, assunto abordado no teatro. O desenho da boneca que a representa está localizado no centro do papel e isto é um indicador de pessoa ajustada, mais autodirigida, autocentrada. Há um boneco perto do lixo orgânico, ele representa um dos catadores da peça e está com o semblante triste como se não gostasse de catar lixo orgânico. Os pés do boneco catador não tocam o chão. Uma criança de mais ou menos quatro anos não coloca nas suas figuras uma base, sempre as desenha flutuando. A partir do desenvolvimento mental, a criança adquire essa noção, passando um traço por baixo do desenho. Porém, o adulto deve ficar atento a este detalhe, pois se uma criança com idade mais avançada, como Maria Clara, continua a fazer seus desenhos sem colocar uma base, talvez esteja sentindo-se insegura e sem apoio sobre algum aspecto em sua vida. Por outro lado, o rosto da menina expressa felicidade e satisfação e a feição do boneco menor não sorri mas também não está triste. Talvez atencioso, como se estivesse aprendendo algo, ou seja, talvez Maria Clara pensa em transmitir o assunto ao seu irmão mais novo. O sol está em tonalidade mais branda fantasiando a cena e o azul das nuvens nos dá mais sensação de paz e a borboleta caracteriza tranquilidade e espiritualidade.

Ruan Carlos, 7 anos.



Ruan Carlos 7 anos relata a peça exatamente como ele a viu: desenhou os catadores, o telão e as crianças assistindo a peça. Talvez o tipo de boneco apresentado chamou a atenção de Ruan muito mais do que o assunto que eles traziam pois Ruan desenha com detalhe os bonecos: a transparência dos sacos nas costas dos catadores, que não só significa a evolução do grafismo como também um raciocínio sobre o mecanismo de funcionamento do boneco. Dentro do saco são os bonequeiros, e de certa forma ele sabia que tinha alguém dentro e resolve mostrar em seu desenho que ele percebeu. Das poucas cores usadas a que predomina é o marrom dando mais realidade ao desenho. Ele fez bonequinhos que representam as crianças do CAIC JKO de um tamanho bem pequeno se comparados aos protagonistas da peça, os bonecos Sivuca e Marabá, que tinham tamanho adulto.

Marysa, 7 anos.



Marysa, 7 anos, relata em seu desenho a atitude dos dois bonecos da peça: ambos estão catando o lixo e as lixeiras aparecem diferenciadas por cor e nome. Isto indica que Marysa extraiu da peça a abordagem da separação do lixo. Ao desenhar uma árvore ela mostra que é uma criança que vive em função de elementos ambientais tais como: chuva, vento, calor etc. O azul das nuvens demonstra tranquilidade e os movimentos dado em traços rosas e lilás dão ideia de movimentação do vento sobre a cena.

Daniel, 7 anos.



Daniel, 7 anos, retrata em seu desenho a apreciação de um ambiente saudável. Os dois bonecos estão felizes observando uma borboleta, que simboliza uma maneira de bem estar e encantamento, o azul das nuvens demonstra tranquilidade. A cor mais amarelada do sol e o verde da grama, demonstra uma energia maior no desenho dando mais vida à cena. Daniel mostra em seu desenho o que será do ambiente se forem aplicados os ensinamentos explanados pelos personagens da peça *“Sivuca e Marabá reciclando ambientes..”*

Kaillany, 8 anos.



Kaillany 8 anos desenha um ambiente agradável e sem lixo pois pintou uma árvore, o que mostra que ela é uma criança que vive em função de elementos ambientais (chuva, vento, calor etc). O azul das nuvens demonstra tranquilidade e a cor do sol fantasia a cena com pássaros e as borboletas. A flor desabrochando, a árvore carregada de frutos trazem uma sensação de lugar limpo. Ao lado de uma boneca, que simboliza ela mesma, há uma sequência de lixeiras para serem usadas. Isto pode indicar que para Kaillany, para que este lugar continue limpo é preciso manter o aviso: lugar de lixo é na lixeira.

Maria Isabella, 8 anos.



Maria Isabella 8 anos desenha a atitude dela mesma jogando o lixo na lixeira. A atitude de jogar o lixo no lugar certo representa para ela ter um ambiente limpo e saudável. Há um balão em forma de coração que traz o informativo pessoal dela “*Eu gosto de ar puro*”. As gramas verdes dão uma sensação de limpeza e as flores e o sol encantam a cena. Ao desenhar uma árvore, Maria mostra que ela também é uma criança que vive em função de elementos ambientais como a chuva, o vento, o calor.. O azul das nuvens sinaliza tranquilidade e os movimentos pintados em amarelo dão movimento ao vento.

Manoela, 8 anos.



Manoela 8 anos, ela desenha seus pais de mãos dadas com uma flor simbolizando o amor, em um ambiente limpo e bem cuidado. A grama verde dá uma ideia de criação e ao desenhar a árvore Manoela mostra que é uma criança que vive em função de elementos ambientais (chuva, vento, calor etc.) O azul das nuvens é indicativo de tranquilidade e a presença das lixeiras reflete o que foi dito no teatro sobre o respeito ao meio ambiente e a maneira de conservá-lo saudável.

Samuel, 8 anos.



Samuel 8 anos retrata uma ação dele mesmo jogando lixo na lixeira. No desenho encontram-se várias lixeiras simbolizando os diferentes tipos de lixo e a separação adequada para cada um deles. Também desenhou uma árvore, o que mostra que ele é uma criança que vive em função de elementos ambientais (chuva, vento, calor etc.) O azul das nuvens demonstra tranquilidade e o amarelo predomina na parte superior do desenho dando mais energia à cena. Samuel entende que para manter um lugar agradável tem que tomar certas medidas e uma delas é: Não jogar lixo no chão.

CONCLUSÃO

O presente estudo trouxe como objeto de estudo a compreensão das interações entre a criança e o meio ambiente por meio do teatro de bonecos como metodologia de sensibilização sobre as questões ambientais contemporâneas na escola CAIC Júlia Kubistchek de Oliveira (JKO), Sobradinho/DF. Nesse sentido, o objetivo geral proposto foi de sensibilizar alunos (e, por consequência, os professores) por meio do teatro de bonecos sobre a necessidade da preservação ambiental e alertar para a importância de se incorporar uma agenda ambiental na escola.

Com a ampla aceitação do teatro de bonecos pelos estudantes e corpo docente e suas reações positivas/receptivas à atividade proposta por esta pesquisa, entende-se que o objetivo de estudo foi alcançado. O estudo permitiu compreender que a forma lúdica torna-se bastante eficaz quando dirigida ao desenvolvimento educacional das crianças, pois o encantamento com o desconhecido libera emoções grandes que indicam que as crianças parecem se sentir mais à vontade para falar de seus conhecimentos sobre o tema.

Apesar de estarmos hoje na era digital, as informações mais simples de conhecimentos ambientais parecem não estar tão presentes na construção do conhecimento das crianças. Durante a apresentação, quando questionadas “de onde vinha a água de nossas casas?” algumas crianças ainda respondiam que vinham da geladeira, outras falavam que era do filtro ou torneiras. Percebe-se aqui a necessidade de instaurar uma agenda ambiental na escola, uma vez que as crianças estão deslocadas de uma relação mais próxima e real dos elementos da natureza. É preciso lembrar que um dos pilares da Educação Ambiental é conhecer para preservar. É “se ver” parte integrante do meio para protegê-lo.

A proposta da Agenda Ambiental na Escola, elaborada pelo Programa Nacional de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, especifica as ações de curto, médio e longo prazo, necessárias à formação de atitudes para a redução de consumo e a discussão sobre o uso sustentável da

água e reciclagem. O tema “água e reuso do lixo” do teatro apresentado para as crianças do CAIC JKO foi selecionado no referido programa, entre tantos outros que podem vir a compor uma agenda escolar como: sociobiodiversidade, violência, cidadania, energia, conservação do patrimônio, etc. O documento se baseia nos pressupostos da Agenda 21 que é um programa de ação elaborado com a participação de governos e a sociedade civil de 179 países e que culminou com a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. “Agenda” tem o sentido de intenções, desígnio, desejo de mudanças para um modelo de civilização em que predomine o equilíbrio ambiental e a justiça social entre as nações.

As crianças do CAIC JKO são em sua grande maioria crianças carentes que não tem ou nunca tiveram nenhum contato com teatro de bonecos. Se tal iniciativa não partir dos professores o único teatro de bonecos que estas crianças verão serão programas americanizados em suas televisões e que, sabe-se, não possuem como objetivo transmitir conteúdos pedagógicos e acadêmicos sobre o meio ambiente, além do entretenimento.

A questão principal deste estudo monográfico foi: quais as reações e motivações que as crianças apresentam após participarem de uma oficina de bonecos cujo tema sejam questões ambientais? (O que e como elas registram? Quais as dúvidas mais comuns? Quais os benefícios pedagógicos de se incorporar bonecos na aprendizagem sobre meio ambiente?). Com a revisão de literatura feita e o teatro de bonecos desenvolvido com as crianças viu-se que tal abordagem pode ser muito eficiente: as crianças do CAIC JKO do começo ao fim da apresentação da peça “Sivuca e Marabá, reciclando ambientes” estiveram atentas, empolgadas e por que não dizer *encantadas* com a presença dos bonecos em sua escola. Tal afirmação comprovou-se pela capacidade dos pequenos estudantes em registrar os conteúdos da peça. Nos desenhos feitos as crianças indicam com cores, traços e intensidade (cada uma na sua fase de 04 a 08 anos) que captaram a mensagem da peça e conseguiram acompanhar o que Sivuca e Marabá se empenham em dizer...

Assim como os bonecos da peça, os professores do CAIC JKO trabalham temas diversos, ligados ao meio ambiente. Todavia, isto só ocorre

em datas específicas, ou seja, trata-se da temática “meio ambiente” de acordo com o calendário de celebração nacional. Isto nos diz que meio ambiente não é um assunto de rotina e inspiração diária para o corpo docente CAIC JKO: se for dia do índio, da água, árvore etc.. a escola desempenha trabalhos que levam essas informações aos alunos. Mas quando se trata de educação ambiental continuada a escola não oferece suporte e sabe-se que em se tratando de Educação Ambiental o processo tem que ser continuado, vai além da comemoração de um simples dia de calendário. Trata-se de um processo de construção ideológico, a educação ambiental é mais complexa e tem que ser implantada em todas as séries de forma progressiva e permanente. É difícil de ser inserida justamente por envolver uma quebra de paradigmas, uma mudança de hábitos comportamentais. A educação ambiental não só tem que ser apreendida como também tem que ser praticada. Transformar o modo como a sociedade se comporta e para isso o alvo principal são as crianças em fases iniciais de sua formação escolar.

A metodologia de intervenção com bonecos pode trazer diversos temas ambientais, os mais comuns foram usados (catação de lixo, usos da água, preservação da vegetação..). Viu-se neste trabalho que tal abordagem foi bastante significativa para as crianças, que depois de assistir à peça realizaram uma tarefa em sala de aula que foi de desenhar o que aprendeu no decorrer da apresentação. Os desenhos foram analisados um a um e selecionados de acordo com a faixa etária (expostos no capítulo 03 deste trabalho). É notório que em todos os desenhos há uma forte característica de que as mensagens foram absorvidas, pois em **todos** os desenhos podemos identificar atitudes de comportamento: destacam-se latas de lixo e lugares bem limpos; a presença dos catadores em vários desenhos aponta para o encantamento das crianças com Sivuca e Marabá. Aqui vemos que a ludicidade é peça fundamental no processo de formação ambiental daquelas crianças: estiveram de frente com 2 bonecos gigantes com feições humanas.

O lúdico é uma forma pedagógica de atuação em sala de aula que prende a atenção da criança e que a faz aprender com mais “cor”, vida. Elas dão mais atenção ao novo e estranho professor-boneco do que ao professor humano rotineiro. Registramos, a par desta experiência, que ao trabalhar

algum assunto escolar, a depender da idade, uma forma muito eficiente e significativa é por intermédio do lúdico: aqui o professor adentra o universo infantil e nele ganha a atenção criativa da criança: ela ouve com olhos, a cabeça e o coração.

Apesar das idades diferentes dos alunos que participaram da peça, os desenhos mostram algo que vai além de simples desenhos: eles desenharam atitudes de separação do lixo, de conservação ambiental e respeito ao meio ambiente. De acordo com todos os desenhos analisados, pode-se afirmar que a ludicidade é algo que tem quer ser incorporado na educação integral. Por meio dela parece haver mais efeitos nas atitudes das crianças. E por uma educação em processo construtivo é imprescindível que os professores incorporem práticas pedagógicas criativas inovadoras que ensinem as crianças a viver e respeitar o meio ambiente e ter com ele uma relação de parceria e não de superioridade.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, HENRI. *Cidadania e meio ambiente*, 2007. Notações de Aula: Educação Ambiental. In: TAMAIO, Irineu. FUP, 2014;

ANDREA, Isabel. *História de Fantoques*. 2007. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/1626672-história-dos-fantoques/>>. Acesso em: out. 2014;

Angela Maria Cristina Uchoa de Abreu Branco- Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2006000200005&script=sci_arttext

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRÜGGER, Paula. *Educação ou Adestramento Ambiental?* 2. ed. Revista e ampliada. Letras contemporâneas, 1999. Disponível em: <http://www.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE_ARQ_REVIS_ELET_R20090930145612.pdf> Acesso em: set. 2014;

CZAPSKI, Silvia. *Os diferentes matizes da educação ambiental no brasil*, 2009. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/arquivos/dif_matizes.pdf> Acesso em: out. 2014;

COELHO, L.M. *Educação Integral: concepções e práticas na educação fundamental*. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/gt13/t137.pdf>>. Acesso em: set. 2014;

_____. *Escola Pública de horário integral: um tempo (fundamental) para o ensino fundamental*. In: ABRAMOVICZ, A. e MOLL, J. Para além do fracasso escolar. Campinas, Papirus, 2004.

COSTA, Isabel. A.; BARGANHA, Felipa. *O fantoche que ajuda a crescer*. Rio Tinto, Portugal: Edições Asa, 1989.

DALRI, S.A. *Educação Ambiental como parceria na educação tradicional: uma proposta de jogos ambientais – utilizando o lúdico e o pedagógico para a defesa do meio ambiente*. Centro Científico Conhecer: Goiânia, Vol. 6, 2010. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2010/educacao.pdf>>. Acesso em: set. 2014;

ELALI, G.A. *O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola–natureza em educação infantil*. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n2/19047.pdf>> Acesso em: set. 2014;

Elísio Márcio de Oliveira. *educação ambiental: uma Possível abordagem, o ibama de olho na vida*
http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/site_cnia/catalogo_2012.pdf

ERNICA, Maurício. *Percurso da educação integral no Brasil*. In: SEMINÁRIO NACIONAL. 2002. Disponível em: Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Cap%C3%ADtulo-6-As-Revolu%C3%A7%C3%B5es-In-a/54033692.html>> Acesso em: out. 2014;

GUARÁ, I. *Educação Integral*. Articulação de projetos e espaços de aprendizagem. 2005. Disponível em <<http://www.cenpec.org.br>>. Acesso em 05 de junho de 2010.

GUILÉN, A. *Análise do desenho numa perspectiva psicopedagógica*. 2014. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc/60325657/Analise-de-Desenho-numa-Perspectiva-Psicopedagogica-1>>. Acesso em: out. 2014;

GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo. UNESP. 1991. Disponível em: <<http://www.culturaegenere.com.br/download/consequenciasmodernidade.pdf>> Acesso em: out. 2014;

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2000.

HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2010;

JACOBI. P. *Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade*, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>> Acesso em: set. 2014;

LADEIRA, Idalina; CALDAS, Sarah. *Fantoche & cia*. São Paulo: Scipione, 1993.

LIRA, N.A.B; RUBIO, J.A.S. *A Importância do Brincar na Educação Infantil*. Disponível em:

<http://www.uninove.br/marketing/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Natali.pdf>. Acesso em: set. 2014;

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Ludicidade e Atividades Lúdicas* - uma abordagem a partir da experiência interna. Disponível em: www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm. Acesso em: set. de 2010.

MARTINS, Janaína Trasel. *A Ludicidade do Jogo Vocal no Desenvolvimento da Consciência Criativa*. R.cient./FAP, Curitiba, v.3, p.25-38, jan.dez.2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MONTEIRO, C. A; *O homem, a natureza e a cidade*: planejamento do meio físico. Revista Geografar, Curitiba, v.3, n.1, p.73-102, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/geografar>> Acesso em: set. 2014;

PEREIRA, Lucia Helena Pena. *Corpo e psique*: da dissociação à unificação - algumas implicações na prática pedagógica. Educação e Pesquisa, Vol. 34, Núm. 1, janeiro-abril, 2008, pp. 151-166 Universidade de São Paulo - Brasil.

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **LEI Nº 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999.** Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=321>> Acesso em: set. 2014;

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=16478&Itemid=1107> Acesso em: set. 2014;

PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>>. Acesso em: set. 2014;

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. *História da filosofia*: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990;

REIGOTA, M. *Desafios à educação ambiental escolar*. In: JACOBI, P. et al. (Orgs.). Educação meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências. São Paulo: SMA, 1998;

RIOS, Rosana. *Brincando com teatro de bonecos*. São Paulo: global, 1993.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço*: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitel, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal_educ_integral.pdf> Acesso em: set. 2014;

SANTOS, Cleidimar Barbosa dos. *O pedagogo/coordenador pedagógico/especialista e sua relação com o projeto político-pedagógico da escola*. In: Cadernos de Educação da CNTE. Brasília, 2008.

SILVA, R.C. Brinquedo. In: GOMES, C. L. (Org). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista11/pdf/artigos/14.pdf>>. Acesso em: out. 2014;

VIGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Imaginação e Criação na Infância: ensaio psicológico, apresentação e comentários*, Ana Luiza Smolka. São Paulo: Ática, 2009.

YIN, R.K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Apêndice 1

Roteiro de entrevista à coordenação da Escola CAIC
JKO

Identificação da Escola/ Alunos/ estrutura /conteúdos

A) DADOS DA ESCOLA

1. Nome da escola: Caic – Júlia Kubitschek de Oliveira
2. Diretor: Jailma Vicente de Silva
3. Coordenação de área: 12 coordenadores de área
4. Número de estudantes (total da escola): 1468
5. Número de professores: 124
6. Número de funcionários do apoio (limpeza/segurança/alimentação) 68
7. Formação dos professores (área/especialização.). Magistério, pedagogia, história, psicologia, ed. Física, ciências (mat, biologia, física.)

B) DADOS SOBRE A ESTRUTURA DA ESCOLA

1. Quantidade de salas/ laboratórios/ espaço para recreação/ banheiros: Salas 42 / laboratórios 8/ espaço para recreação 9 / Banheiros 10
2. Materiais didáticos e lúdicos, quais são? Materiais didáticos livros, data show, etc. Lúdicos jogos, computadores.
3. Atividades esportivas (práticas/materiais/atividades)
Ed. Física, futebol, vôlei, basquete, bolas, corda, cones, parquinhos.

C) DADOS SOBRE AS DISCIPLINAS

O que ensinam sobre meio ambiente? Preservação das árvores, limpeza, lixo, etc.

1. Quem ensina? Professores e educadores da escola.
2. Existem atividades específicas sobre meio ambiente? Quais? Específicas não, somente datas especiais e atividades relacionadas a historinhas.
3. Existe atividade extraclasse sobre este tema? Alguma vivência? Não
4. O que ensinam sobre água/cerrado/fogo/seca/lixo/reciclagem/transporte/cuidado com os animais...
Como se relacionar, economizar, origem, descarte, carinho.
5. Existe na escola material/livros/cartilhas sobre meio ambiente?

Os professores usam? Não